

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

TATIANA APARECIDA FERNANDES MOREIRA

Luz, câmera e ação:

Vivacidade de um processo artístico-pedagógico entre teatro e audiovisual

UBERLÂNDIA – MG

2024

TATIANA APARECIDA FERNANDES MOREIRA

Luz, câmera e ação:

Vivacidade de um processo artístico-pedagógico entre teatro e audiovisual

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Artes da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciatura em Teatro.

Orientador: Profº Dr. José Eduardo de Paula

UBERLÂNDIA -MG

2024

Luz, câmera e ação:

Vivacidade de um processo artístico-pedagógico entre teatro e audiovisual.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Teatro.

Orientador: Prof^o Dr. José Eduardo de Paula

Uberlândia, 21 de novembro de 2024.

Prof. Dr. José Eduardo de Paula (Orientador)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Santos de Oliveira (Examinador)

Prof. Dr. Henrique Bezerra de Souza (Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às forças maiores de Deus e de Nossa Senhora Aparecida, a quem sou muito devota, por me abençoarem na minha trajetória de vida e por me presentearem diariamente com suas graças.

Agradeço aos meus pais Gilvane e Simone e à minha irmã Gabriela, por sempre me apoiarem em todas as minhas escolhas e sonhos, por vibrarem minhas conquistas, por serem meu abraço confortante quando preciso e pelo infinito amor. E agradeço à minha afilhada Elisa, que trouxe um colorido mais vívido para meus dias, me permitindo através da sua infância, me conectar ainda mais com a minha criança.

Agradeço à minha querida Avó Sirlene, que sempre me nutriu com muito amor, me incentivou desde criança sobre manter minha essência e seguir meus sonhos. Agradeço pelos momentos assistindo novelas ao seu lado e pela honra de tê-la comigo durante 12 anos na presença física e que agora me protegendo de onde estiver descansando.

Agradeço aos meus familiares e amigos que me ajudaram de alguma maneira no meu processo de formação. Em especial ao Paulo Vítor, por estar ao meu lado durante todo o processo artístico desse trabalho, pelas longas reuniões para planejarmos tudo com muita dedicação, pelo carinho e ombro amigo nos momentos que mais precisei. E agradeço ao Vinicius e ao Gabriel, amigos do curso de Teatro que também contribuíram para esse projeto.

Agradeço aos meus alunos da Oficina de Teatro (COMUFU), que se dedicaram tanto às aulas, se entregaram por inteiro para a produção do curta-metragem, pelo carinho e pelas palavras positivas. Meu eterno, obrigada, por tornarem meu trabalho possível e por aflorarem o meu ensinar.

Agradeço a todos os professores que me presentearam com tanto conhecimento durante toda a minha formação. Agradeço ao docente José Eduardo de Paula, por me orientar e me acompanhar nessa finalização da minha graduação com tanto carinho. Agradeço ao docente Henrique Bezerra, que foi o professor regente da disciplina de Estágio III, auxiliando cuidadosamente em todo o processo. Agradeço ao docente Call Oliver, pelos ensinamentos nas disciplinas que realizei com tal e por aceitar o convite de participar da banca examinadora. E agradeço aos docentes Daniele Pimenta, Mariene Perobelli e Fernando Manoel Aleixo, que marcaram de forma especial minha graduação, transmitindo conhecimento de forma tão

carinhosa, que proporcionaram vivências únicas nessa trajetória, me encorajando a alçar grandes voos rumo aos meus sonhos.

RESUMO: Além da atuação nos palcos de teatro, a atuação no audiovisual sempre me encantou. Após tantos aprendizados na universidade, quis abordar no meu TCC e no meu estágio pedagógico esse entrelaçar. A partir dos meus relatos de atriz, artista-docente em formação, diretora/produtora iniciante, vocês poderão acompanhar todo o processo de criação do Curta Viver a Vida, produzido em uma oficina de teatro para a comunidade. Desde a escrita do roteiro, as improvisações, o treinamento de técnica de atuação Meisner até as gravações, a edição e a exibição.

Palavras-chave: Teatro; Audiovisual; Técnica Meisner; Curta-metragem; Direção.

ABSTRACT: In addition to acting on theater stages, acting in audiovisual has always enchanted me. After so much learning at university, I wanted to address this intertwining in my TCC and in my pedagogical internship. Based on my reports as an Actress, teaching artist in training, director and producer, you will be able to follow the entire process of creating Curta Viver a Vida, produced in a Theater workshop for the community. From script writing, improvisations, Meisner acting technique training to recording, editing and screening.

Keywords: Theatre; Audiovisual; Meisner Technique; Short Film; Direction.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Registros de trabalhos teatrais que realizei na graduação de Teatro na UFU	11
Figura 2: Plano geral/aberto – câmera mais distante, mostrando mais o cenário.....	16
Figura 3: Primeiro plano - enquadrados do peito para cima	16
Figura 4: Plano médio - enquadramento da cintura para cima.....	17
Figura 5: Sala LAC – Bloco 3M Universidade Federal de Uberlândia.....	24
Figura 6: Nighthawks - Edward Hopper (1942).....	26
Figura 7: Automat - Edward Hopper (1927).....	27
Figura 8: Summer Evening - Edward Hopper (1947)	27
Figura 9: Night Windows - Edward Hopper (1928).....	28
Figura 10: Hotel By a Railroad - Edward Hopper (1952).....	28
Figura 11: Alunos recriando as pinturas de Edward Hopper	29
Figura 12: Imagens estáticas	32
Figura 13: Praça Luiz Finotti - Santa Mônica - Uberlândia MG.....	33
Figura 14: Registros da deriva	35
Figura 15: Minha escrita automática feita no fim da prática da deriva	37
Figura 16: Alongamento em roda.....	38
Figura 17: Registros no papel craft, de elementos marcantes da Deriva.....	39
Figura 18: Cena feita no exercício – Grupo 1	47
Figura 19: Cena feita no exercício – Grupo 2	48
Figura 20: Eu fazendo anotações na lousa para a explicação.....	54
Figura 21: Lousa com explicação da Técnica de Meisner	55
Figura 22: Explicando brevemente sobre a Técnica de Meisner para os alunos do COMUFU	55
Figura 23: Prática Exercício de repetição.....	60
Figura 24: Gravações no Empório Chá e Café Cafeteria	67
Figura 25: Gravações internas, em casa	69
Figura 26: Gravações terminal Santa Luzia	70
Figura 27: Fim das gravações do curta-metragem	71
Figura 28: Exibição do curta no Encontrão, em abril de 2024.....	72

SUMÁRIO

MINHAS VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS.....	9
AS LINGUAGENS DO TEATRO E DO AUDIOVISUAL	15
O DESCOBRIR DA TÉCNICA DE MEISNER.....	20
OFICINA “CURTA VIVER A VIDA”	23
O PROCESSO DE CRIAÇÃO.....	24
<i>Primeiro Encontro</i>	24
<i>Segundo Encontro</i>	33
<i>Terceiro Encontro</i>	38
<i>Quarto Encontro</i>	44
<i>Quinto Encontro</i>	53
<i>Sexto Encontro</i>	64
LUZ, CÂMERA, AÇÃO... GRAVANDO	66
<i>Primeira diária de gravação</i>	66
<i>Segunda diária de gravação</i>	68
<i>Terceira diária de gravação</i>	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75

MINHAS VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS

Uma criança muito expressiva, em constante movimento, a diversão nas festas em família e que sempre teve a arte muito presente na sua vida, essa é a minha criança. Nascia em Uberlândia, MG, no dia 04/04/2002 às 08h04, Tatiana Aparecida Fernandes Moreira. Iniciei nesse dia minha caminhada da vida, e não fazia ideia de que meus passos me levariam a lugares mágicos. O contato com teatro, aos 5 anos, quando interpretei uma bonequinha em uma peça na escolinha, o contato com a música, graças aos meus laços familiares e o contato com o cinema e a novela (pois sempre amei assistir essas obras repetidas vezes, memorizar as falas e recriar as cenas), foram fatores primordiais para o meu engatinhar no universo artístico. Ainda criança, me apresentei pela primeira vez no Teatro Rondon Pacheco, através de um grupo de dança da Escola Municipal Professor Otávio Batista Coelho Filho, uma experiência animadora para aquela menininha de cabelos dourados. Era a primeira vez em um camarim, lembro que era bem pequeno, apertado, no fundo do palco, estava difícil caber todas as crianças, mas quando entrei, meus olhos vidraram nos espelhos com as lâmpadas redondas nas laterais, aquelas luzes iluminavam meu rosto, tudo brilhava ainda mais para mim, foi como se todo o movimento ao meu redor tivesse congelado, e só tinha eu, o espelho e as luzes brilhantes. Foi um momento surreal, mas como criança ainda não tinha noção do porquê um simples objeto me impactou tanto. Agora sei que o que aconteceu ali, foi que minha alma encontrou algo que parecia estar procurando há séculos, foi como reencontrar um grande amor, foi quando ela sentiu que estava no lugar dela. Aquela também era sua casa.

Brincadeiras lúdicas, criação de diversas histórias desenvolvendo meu imaginário no quintal da minha casa, leituras de livros comprados semanalmente nas bancas dos supermercados, assistir novelas acompanhada da minha querida avó Sirlene aos fins de tarde, maratonar com a minha irmã filmes da “Sessão da tarde” e DVDs que meu pai comprava para nós, também fizeram parte da minha infância. Acompanhar diversas histórias e mergulhar em novos universos através de livros e também da tela de uma televisão, dentro do meu lar, era uma experiência que iluminava meus olhos, como aquele espelho do camarim iluminou. Uma ansiedade pela espera do horário das exhibições, eu me sentia próxima daqueles personagens, que pareciam fazer parte da minha família, dos meus amigos. Com o tempo, compreendi que eles eram atores e que isso era uma profissão, o que despertou em mim a vontade de vivenciar tais experiências. Eu poderia ser mais do que a Tatiana, eu poderia viver a história da Cecília, Rita, Verônica, Lia, Alice, Esther, Camila¹, entre outras, vivendo inúmeras aventuras,

¹ Nomes das personagens que interpretei em disciplinas e projetos na UFU.

experimentando uma gama diversificada de emoções e com o privilégio de transmiti-las para outras pessoas. Com essa percepção, comecei a entender o que significava atuar para cinema e televisão.

À medida em que cresci, tive a oportunidade de assistir a peças teatrais e, aos dez anos, participei de uma oficina de teatro, onde tive contato com a atuação em palco, me apresentando em um lugar onde eu nem imaginava que realizaria minha graduação anos depois, na sala Ana Carneiro, no Bloco 3M do curso de Teatro, da Universidade Federal de Uberlândia.

Apresentar o musical “A Magia dos anos 80”, em 2019, quando fui integrante do Grupo Vocal Arte in Cena, do conservatório de Uberlândia e realizar um curso semestral de teatro na Luzarte Escola de Teatro, com o professor André Luz, que inclusive é um egresso do curso na UFU, me fizeram entender que era aquilo que eu nasci para fazer. Decidi que atuar não seria apenas um *hobby*, mas sim minha profissão, e quando descobri que eu poderia cursar uma faculdade sobre isso em minha própria cidade, dediquei-me a pesquisar amplamente sobre as áreas. Embora não tivesse definido se desejava ser atriz de teatro, novela ou cinema, tinha a certeza de queria trabalhar na representação de histórias diversas. Assim, ingressei na faculdade, e comecei a aprofundar meus estudos sobre o teatro, com foco na atuação no palco, que é a vertente principal da graduação. Realizei disciplinas como improvisação, corpo e voz, teatro brasileiro, além de contação de história em projeto de iniciação científica, atuar em cenas curtas, musical e, por fim, no Ateliê².

² Disciplina que compõe a grade curricular do curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia, com o contexto de criação cênica que resulta em um espetáculo teatral. O ateliê do qual fiz parte foi realizado pela docente Daniele Pimenta, no qual realizamos a montagem de “Piolin” um espetáculo teatral circense musical, cujas apresentações se deram em abril de 2024.

Figura 1: Registros de trabalhos teatrais que realizei na graduação de Teatro na UFU



Fonte: Compilação da autora

Essas experiências foram extremamente enriquecedoras e me permitiram vivenciar a atmosfera do teatro: o estudo de personagens, a rotina de ensaios, a preparação corpóreo-vocal, a energia de preparação no camarim, a ansiedade na coxia. O percurso foi repleto de desafios, incluindo medos, anseios, choros, e momentos de falta de confiança. No entanto, também houve muitos sorrisos, diversão, entrega, êxtase e um orgulho imenso pelas conquistas. As emoções após as apresentações, que me arrepiavam da cabeça aos pés, reforçavam minha convicção de que estava cumprindo meu propósito nesta vida. Estar no palco me proporciona uma energia indescritível; eu me vejo e amo estar nesse espaço, com um contato direto e íntimo comigo mesma, com os parceiros de trabalho e com o público. Sem dúvidas, é algo mágico que acontece quando um corpo habita um palco de teatro.

Porém, também sempre desejei me ver em um *set*³ de gravações, a ideia de entrar na casa dos espectadores, alcançando diversos lugares, em todos os cantos do país e até do mundo, ter aquele trabalho gravado de uma maneira que pode ser revisitado sempre que quiser, é algo que me fascina. Minha criança, sempre se encantou em estar diante das câmeras; meus pais frequentemente custeavam os filmes para a câmera analógica que tínhamos e, posteriormente, com os cartões de memória para a câmera digital. Eu registrava o dia a dia na minha casa, eu e minha irmã brincando, ou eu fazendo algumas graças, filmava até mesmo a televisão, mostrando trechos de filmes e desenhos.

Assistir ao programa “Vídeo Show”⁴ e observar os bastidores das novelas que eu admirava era fascinante, embora, na época, parecesse algo tão distante da minha realidade. Tudo bem que ainda não tive a oportunidade de vivenciar os bastidores de uma emissora de tv, e que atualmente, meu interesse por novelas diminuiu muito, sendo o cinema e o teatro meus maiores focos, mas, mesmo assim, agora, aquilo que fazia minha criança achar impossível, já parece ser mais alcançável, até porque já vivenciei como é estar em um *set* de gravações, a partir do momento em que realizei meu primeiro trabalho gravando uma publicidade na minha cidade. Nesse episódio, em fevereiro de 2022, eu estava em uma casa, com um lindo jardim, com muitas pessoas na equipe realizando diversas atividades, câmeras, luzes, monitores, cenários montados em cômodos variados e eu sentada enquanto uma maquiadora me produzia. Foi o momento em que parei e olhei tudo ao meu redor e não acreditava que estava vivendo aquilo, era a primeira vez que alguém me maquiava nas minhas vivências como atriz, eu estava

³ Local onde filmes, séries, novelas e publicidades são filmados.

⁴ *Video Show* foi um programa de televisão produzido pela TV Globo, que exibia bastidores da emissora, como as gravações das novelas, notícias do meio artístico e atualidades. Foi ao ar do dia 20 de março de 1983 até 11 de janeiro de 2019.

acostumada em me arrumar sempre, chegar mais cedo para conseguir um lugar no espelho do camarim e fazer meu cabelo e maquiagem.

Essa experiência e as outras que surgiram posteriormente, me permitiram começar a perceber algumas diferenças significativas entre as linguagens artísticas do teatro e do audiovisual, não apenas no sentido de produção, mas também de atuação, me desafiando a fazer as devidas adaptações na minha interpretação, dependendo de qual era a utilizada. Em um certo momento, visualizei os projetos que já havia realizado: montagens teatrais na faculdade, as gravações de publicidades, como apresentadora, produção e atuação em um curta-metragem, a partir de um curso *on-line* com um professor de Salvador, me permitindo conhecer pessoas de todo o país, e minha experiência amadora com o cinema, a partir do Grupo Vitrine⁵, durante a pandemia. Foi quando me conscientizei de que todas essas vertentes me proporcionavam muita satisfação, me permitindo aprender e sair realizada de formas diferentes de cada experiência. Não me visualizo uma atriz apenas no teatro, ou apenas no cinema, ou na televisão, ou como apresentadora em publicidades, me vejo em todos esses lugares. Pode ser que isso mude com o passar dos anos, também porque tem momentos em que poderei estar trabalhando em mais de uma das linguagens do que em outra, mas atualmente me encontro tateando todos esses âmbitos, aproveitando o sopro de juventude e alçando voos (até literalmente) para diversos lugares, pois depois que tive essas experiências, muitas portas se abriram para mim, me permitindo ir para outros estados, adquirindo mais conhecimentos, conhecendo novas cidades e pessoas, me sentindo livre como um pássaro, o que me satisfaz imensamente.

Quando me visualizei caminhando para a finalização da minha graduação, pensei: “por que não utilizar o meu Trabalho de Conclusão de Curso para criar livremente algo que relacionasse um pouco de tudo isso, me proporcionando pesquisar ainda mais sobre essas vertentes, enfrentar desafios, ter dúvidas e desvendá-las?”. Portanto, resolvi desenvolver esse trabalho, trazendo um pouco sobre as particularidades do teatro e do audiovisual, o entrelaçar, o agregar entre si, a partir dos meus aprendizados. Tinha como objetivo realizar um processo criativo, e foi quando decidi utilizar o Estágio Supervisionado III, que está presente na grade curricular de Licenciatura em Teatro na UFU (mais conhecido como COMUFU – Oficinas de Teatro para Comunidade), como o campo prático do meu trabalho, concebendo do zero um curta-metragem. Eu desejava ter um produto final em formato audiovisual que me permitisse experienciar como é estar trabalhando por trás das câmeras e não como atriz. Durante o processo, resolvi agregar outras duas vertentes, uma delas foi a experimentação da Técnica de

⁵ Grupo de estudos de teatro e audiovisual idealizado por Mafê Crepaldi e Amanda Doria, onde produzíamos curtas-metragens semanalmente em nossas próprias casas, desde o roteiro até edição, e publicávamos em redes sociais.

Meisner, desenvolvida pelo ator e professor de atuação norte-americano Sanford Meisner⁶. Tive o primeiro contato com o método no decorrer da minha pesquisa. A partir dessa introdução pelo meu orientador, busquei mais informações, pratiquei exercícios e compartilhei um pouco com os alunos da oficina aquilo que aprendi. A outra vertente foi a Música, que é algo pelo que também tenho um grande apreço, pois sempre escutei muito MPB, sertanejo raiz⁷, Rock dos anos 80 e outros. Além de gostar muito de tal arte e por cantar também, quando iniciei minhas vivências de atuação na universidade, comecei a utilizar essa afinidade para aprimorar o desenvolvimento do estudo de personagens, onde escolhia a música preferida do personagem, a música que representava memórias especiais de sua vida e assim por diante. Fui admirando como ela também é essencial como trilha sonora para as produções teatrais e audiovisuais. Dessa forma, vocês acompanharão, ao longo desse trabalho, a interconexão de todos esses temas e o memorial do processo de criação.

No tópico a seguir, “As linguagens do Teatro e Audiovisual”, farei reflexões sobre as particularidades de cada uma dessas linguagens, envolvendo um pouco das minhas experiências como atriz. Em “O descobrir da Técnica de Meisner” relato meus estudos e as experimentações da Técnica, que é muito utilizada para preparação de atores do cinema e que foi abordada nas aulas do estágio e no processo criativo do curta-metragem. Na parte “Oficina ‘Curta Viver a Vida’” abordo todo o processo de criação, a partir do memorial das aulas do estágio, sobre o uso da deriva e da música como fonte de inspiração para dramaturgia, os relatos sobre experimentações da Técnica de Meisner com os alunos e as vivências de produção, do *set* de gravações, compartilhando cada um dos dias de trabalho.

Objetivamente, esse trabalho é um relato da investigação criativa, pelo olhar da atriz, artista-docente em formação e diretora/produtora iniciante.

Começamos agora o voo por esse percurso.

⁶ Ator e professor de atuação norte-americano, que nasceu no Brooklyn no dia 31 de agosto de 1905 e faleceu em Sherman Oaks em 2 de fevereiro de 1997. Desenvolveu uma abordagem para o ensino de atuação que é conhecida como Técnica de Meisner.

⁷ Gênero musical brasileiro, surgiu a partir das modas de viola no início do século XX, contando causos e lidas do interior, do homem caipira. Atualmente é um estilo muito conhecido do Brasil, principalmente por um dos subgêneros: Sertanejo universitário.

AS LINGUAGENS DO TEATRO E DO AUDIOVISUAL

Duas linguagens artísticas, artes da cena, artes de interpretação de histórias, o teatro, uma linguagem vivenciada ao vivo, o ator diante de uma plateia, o audiovisual, uma linguagem de gravação e edição de cenas, o ator diante da câmera e, depois, as imagens diante do espectador através de uma tela. Ambas com uma gama de oportunidades criativas, provocando reflexões e emoções no público e cada uma delas com suas particularidades.

Levando em consideração primeiramente questões mais técnicas, o ambiente onde são realizadas tais linguagens, são diferentes. Como dizia André Malraux: “um ator de teatro é uma cabeça pequena numa sala grande, um ator de cinema é uma cabeça grande numa sala pequena” (Malraux *apud* Greve, 2015, p.5). A frase por si só já ilustra bem as seguintes características: o palco necessita de uma presença corporal e vocal do ator mais ampla, expansiva, para que o espectador, independente da poltrona em que estiver sentado, seja capaz de visualizar a interpretação; um lugar onde o corpo inteiro está presente, tudo pulsa, tudo é visto, todo o corpo comunica. Nas matérias que fiz na graduação, esse corpo ativo é trabalhado a todo momento, práticas corporais, alongando o máximo cada membro, exercitando os pés fixos no chão, com pernas abertas na distância do quadril, o tônus pulsante até nas pontas dos dedos.

Já no cinema e na televisão, a expansão de gestos e os volumes sonoros não são necessários na maior parte das vezes. É claro que o corpo deve ficar ativo e com tonicidade, mas tudo é mais sutil, já que as câmeras e os microfones capturam tudo bem de perto, de diversos ângulos, do mais iminente ao mais distante. Esses enquadramentos são nomeados no universo cinematográfico como “planos”, são eles: grande plano geral, plano geral, plano médio, primeiro plano, *closes*, *inserts*, planos descritivos. Segue alguns exemplos baseados nos planos captados no curta-metragem a ser investigado nesse TCC.

Figura 2: Plano geral/aberto – câmera mais distante, mostrando mais o cenário



Fonte: Vinicius Severo

Figura 3: Primeiro plano - enquadrados do peito para cima



Fonte: Vinicius Severo

Figura 4: Plano médio - enquadramento da cintura para cima



Fonte: Vinicius Severo

O livro *Os Cinco Cs da Cinematografia*, de Joseph V. Mascelli do ano de 2010, que aborda as Técnicas de Filmagens, foi minha principal fonte de busca de conhecimentos sobre o cinema, para que eu pudesse me preparar para a produção do curta-metragem. Um olhar mais afinado para angulação de câmera, continuidade, as mensagens que são passadas a partir de um certo plano. Tudo isso é pensado cuidadosamente. Para ele, “o posicionamento da câmera decide quanto da área será incluído e a perspectiva da qual o público observará o fato. [...] Toda vez que se muda a posição da câmera, o público é reposicionado e passa a observar o fato de um novo ponto de vista” (Mascelli, 2010, p.31).

Adiantando algumas informações da criação do curta-metragem, quando iniciei o processo de decupagem⁸, juntamente com o Paulo⁹ e o Vinícius¹⁰, quando estávamos caminhando para o início das gravações, pensamos muito nas informações que queríamos compartilhar e como seriam captadas, como o público iria visualizar. Fizemos, então, um *storyboard* para facilitar nossa criação, que é quando fazemos um esboço do ponto de vista da câmera de todas as cenas, para que quando estivermos no *set*, já saibamos o que queremos filmar e, assim, otimizamos o tempo, já que no audiovisual, principalmente em obras cinematográficas, as imagens podem ser captadas através de uma infinidade de planos.

⁸ Vem do francês *découpage* (do verbo *découper*, que significa recortar). Na linguagem do audiovisual é o processo de dividir as cenas de um roteiro em planos, fazendo um planejamento de filmagem. Traduzir o que está escrito no roteiro em imagens.

⁹ Paulo Vítor de Pádua Delmindo, ingressou no curso de Teatro da UFU em 2020, licenciatura e bacharelado, fazemos parte da mesma turma. Durante a graduação vivenciou muitas experiências nas disciplinas, além de atuar como produtor audiovisual em Uberlândia.

¹⁰ Vinicius Martins Severo, ingressou no curso de Teatro da UFU em 2019, licenciatura e bacharelado. Durante a graduação se tornou bolsista no laboratório Laacenicas, desenvolvendo-se ainda mais na área do audiovisual.

No teatro se nota a possibilidade que o ator tem de realizar seu trabalho de forma linear, onde conta a história de maneira contínua, sem interrupções (a não ser que sejam planejadas, ou por algum imprevisto). Entretanto, assim que sobe ao palco, ele é visto, todos os olhares são voltados para ele e ele só sai de cena quando finaliza. Em uma obra audiovisual, o ator não segue seu trabalho de forma linear, não grava o filme na sequência cronológica e nem em uma hora e meia, ou duas, como normalmente é o tempo de uma peça teatral. A captação da maior parte das imagens é feita fora de ordem, seguindo uma melhor logística, levando em consideração alguns fatores, como: a locação, sendo ela interna ou externa, sendo as internas em casas, escolas, supermercados ou em estúdios, onde podem ser montados cenários, caso necessário; já as externas são feitas ao ar livre, nas ruas da cidade, praças, parque, praia e, geralmente, são as mais complicadas, devido à imprevisibilidade do clima, ao som do ambiente, às permissões para uso de locações e gestão de grandes equipes. Com as locações estabelecidas, na maioria das vezes optam por realizar as gravações de cenas que são feitas nela, em diárias¹¹ voltadas só para aquele lugar.

No teatro, estar na sala de ensaio semanalmente, diariamente até o momento da estreia é muito comum, o texto ecoa repetidas vezes, movimentos e marcações são refeitos, o cenário é redistribuído, há a afinação das luzes e os ajustes nos figurinos. Já no cinema, o ensaio não é algo tão comum. São feitos laboratórios, meses de preparação de elenco e podem ser feitas até algumas passagens de cenas, mas quando se iniciam as diárias de gravações, que as vezes levam cerca de alguns meses para fazer toda a captação, não ocorrem esses ensaios, pois o tempo é muito curto. O ator chega no *set*, é maquiado, as câmeras e os microfones são posicionados, são passadas as marcas de onde eles devem se direcionar e... AÇÃO, GRAVANDO.

Em ambas as linguagens o trabalho do ator, o estudo de personagem, a preparação corporal e vocal, devem ser realizados com muita maestria, qualidade e dedicação, para que desenvolvam uma interpretação verdadeira e orgânica. No teatro, o ator tem alguns pontos que favorecem esse desempenho, pois quando está em cena, dentro do personagem, ele não tem interrupções técnicas que podem lhe desconcentrar, como já mencionado, atua em um fluxo de horas seguidas, perpassando pela evolução da história e do arco emocional. Já no cinema, o profissional precisa ter uma concentração redobrada, pois divide seu espaço com inúmeras pessoas da produção, que às vezes estão bem ao seu lado, ou no seu campo de visão segurando um microfone ou uma câmera às vezes bem próxima ao rosto.

¹¹ O período de tempo em que a equipe de filmagem trabalha para captar as imagens que serão usadas para a produção final de um filme.

Além disso, há a imersão no personagem, que deve ser reconectada a todo momento, tendo atenção ao arco dramático, pois mesmo filmando fora de ordem, o ator precisa manter na interpretação as descobertas, reações e como os acontecimentos o impactam. Para que consiga realizar esse trabalho da melhor forma possível, há de se ter muito estudo e dedicação e um bom caminho é aprender técnicas que podem contribuir para essa desenvoltura.

O DESCOBRIR DA TÉCNICA DE MEISNER

Tive o intuito de pesquisar o atuar voltado para o audiovisual, justamente para a melhora da concentração no momento da cena, para que os fatores externos que estão presentes em um *set* de filmagem não interfiram na qualidade da atuação e para que essa atuação seja a mais visceral, para que atinja o público, para que ele absorva aquela história fictícia como real. Para isso, tive contato com um método de interpretação muito usado no cinema americano, que foca na conexão emocional, na espontaneidade, no estar no presente, no conectar-se ao parceiro de cena com uma escuta ativa, sem estar focado na deixa específica do texto, mas sim vivendo verdadeiramente o momento, conseguindo transmitir realmente o interior do personagem, para que o espectador se afete. Esse método foi desenvolvido por Sanford Meisner, um ator e professor de atuação americano, de Nova York, EUA, que foi integrante do The Group Theatre, um coletivo de teatro pioneiro de uma técnica de atuação norte americana, derivada nos ensinamentos de Stanislavski. Meisner percebia duas problemáticas que impediam o ator de ser verdadeiro em cena:

- A falta da escuta ativa e verdadeira.
- Auto-observação na maior parte do tempo.

Assim, ele resolveu formular uma sequência de exercícios, para que pudessem ser praticados para a melhora desses fatores. Meisner prezava muito pela presença e espontaneidade, dizendo que a qualidade da atuação está na habilidade do ator permitir que o momento aconteça e que o viva verdadeiramente, se conectando ao presente, deixando que a reação seja através dos impulsos motivados, orgânicos, ao invés de racionalizá-los. Meisner era conhecido por encorajar os seus alunos a não “pensar demais”.

“Atuar é viver verdadeiramente uma circunstância imaginária” (Meisner; Longwell, 1987). Essa é uma das frases mais marcantes de sua carreira e perpetua até os dias de hoje, pois Meisner sempre frisou sobre a força criativa que tem o uso da imaginação de uma maneira realista no trabalho do ator. Para que não seja necessário o uso de memória emocional, apenas o uso do “e se”, se imaginar vivendo aquela situação, imaginar nos mínimos detalhes aquilo acontecendo, visualizar as imagens na mente.

Os princípios de seu método se baseavam também na realidade do fazer, onde ele dizia sobre a importância do “fazer” realmente uma ação; por exemplo, se o personagem tem que estar lavando louça, então que ele realmente lave e não finja, pois isso colabora para se tornarem ainda mais reais as reações. A improvisação, a autenticidade e a espontaneidade são as melhores ferramentas para um belo trabalho do ator, mas requerem vulnerabilidade, pois você precisa

agir mais instintivamente, e muita das vezes isso é uma barreira para um ser humano, já que nos limitamos muitas vezes para nos enquadrarmos em comportamentos aceitáveis na sociedade.

Com o objetivo de cada ator ter autenticidade em seus comportamentos, quando está em frente a uma câmera ou sobre um palco vivendo as circunstâncias de uma história, e para exercitar essa presença verdadeira na cena, no desenvolvimento da escuta profunda, a técnica conta, além da vertente da preparação emocional e imaginação, com o exercício alicerce, que é conhecido como “Exercício de repetição”.

O exercício da repetição acontece em dupla, uma prática simples, mas na minha opinião muito eficaz. Um ator fica em frente ao outro, e a ação é repetir a palavra que o outro diz. A palavra que dá início à dinâmica deve ser espontânea, a partir da observação que o ator faz no outro; ele diz o que seus olhos se atentaram primeiro, um elemento material, exemplo: “óculos”, “sorriso”, “sobrancelha”, um fala e o outro repete, e as mudanças das palavras surgem naturalmente.

Após essa repetição mais simples e direta, ela evolui para a utilização dos pronomes, onde o ator diz de acordo com a sua perspectiva, formando frases como “sua calça é rosa”. Em seguida, o outro ator repete essa frase, mas do seu ponto de vista: “minha calça é rosa”. O exercício vai caminhando e as variações das frases devem surgir de forma orgânica e deixando que o instinto os guie. Por um momento, quando li sobre essa prática, não entendi de primeira qual era a sua eficiência e me passou a sensação de ser algo cansativo de fazer e que não chegaria a lugar nenhum, mas me surpreendi quando pesquisei mais sobre. Compreendi que estar atento ao que o outro diz e apenas repetir, desvincula o ator de racionalizar o exercício, resultando em impulsos de emoções genuínas, proporcionando reações autênticas e uma conexão profunda entre os atores. A prática desse exercício colabora para que a interpretação seja a mais natural e verdadeira possível, causando sensibilização nos espectadores.

Ao ver alguns vídeos de pessoas praticando e de alguns preparadores de elenco brasileiros falando sobre a técnica, eu estava muito curiosa de ver na prática como funcionava e de entender como seria para mim. Em um dos encontros com meu orientador, ele me contou que um discente do curso também estava estudando sobre a técnica e que eu poderia conversar com ele para praticarmos juntos e entendermos melhor. Então, assim fiz, entrei em contato com o Gabriel¹², e tivemos uma primeira reunião, em que conversamos sobre a técnica. Tirei algumas dúvidas sobre o exercício de repetição e praticamos um pouco, onde começamos essa repetição com

¹² Gabriel Vieira Caetano, discente do curso de Teatro na UFU em licenciatura e bacharelado. Ingressou em 2022. Realizou grupo de estudos voltado para sua pesquisa de PIBIC, sobre criação de personagem.

apenas a palavra “sobrancelha”, depois evoluímos para uma frase “sua sobrancelha é bonita” e assim fomos continuando, no decorrer do exercício o Gabriel fazia algumas pausas para me explicar algumas coisas e para que eu pudesse notar como eu estava reagindo, no começo ainda estava um pouco confuso para mim e me pegava racionalizando, pensando no que eu ia falar, mas depois fui me permitindo ser cada vez mais vulnerável, deixando os impulsos e reações genuínas aflorarem, foi muito interessante ter esse primeiro contato, e perceber como é satisfatório mas também desafiador estar realmente entregue ao presente, vivendo o momento, deixando com que o sentir flua e se manifeste espontaneamente.

Após esse dia, nosso reencontro aconteceu depois que as aulas do COMUFU já tinham iniciado, pedi para ele guiar uma prática entre mim e Paulo (minha dupla no estágio), para que ele também pudesse ter essa experiência antes de passarmos para os alunos da oficina, já que era algo que eu tinha interesse em abordar nas aulas. Percebi que seria muito enriquecedor se eles tivessem pelo menos um pouco de contato com esse método, o que nos ajudaria a trabalhar a concentração quando estivéssemos no *set* de gravações, para a organicidade da interpretação. O relato desse dia vocês acompanharão mais à frente, no decorrer do memorial da oficina.

A partir do meu relato como artista-docente em formação, guiarei vocês por todos os encontros da oficina, pelo processo de criação até chegarmos no resultado final. Fiquem agora com o memorial da...

OFICINA “CURTA VIVER A VIDA”

Em fevereiro de 2024 se iniciou o Estágio III, que faz parte da grade curricular de Licenciatura em Teatro na UFU, mais conhecido como COMUFU – Comunidade e UFU em cena, onde são ofertadas oficinas de Teatro gratuitas para a Comunidade e que, nesse semestre contou com o docente Henrique Bezerra como professor regente da disciplina. Todas as quintas à tarde tínhamos nossas aulas com o professor Henrique, em uma turma composta por 15 estagiários. Nas sextas de manhã e à tarde e aos sábados de manhã realizávamos nossas oficinas.

Antes de iniciar realmente as aulas das oficinas, os encontros, às quintas, nos permitiram ajustar as duplas que iriam realizar os estágios e ter orientações para o planejamento das aulas. Com isso, dois interesses se entrelaçaram, dois artistas, dois discentes artistas em formação, dois campos de pesquisa e dois sonhos. Eu com minha pesquisa relacionando o que já citei, juntamente com a pesquisa do meu amigo Paulo, relacionada às experimentações de errâncias urbanas como disparadores para dramaturgia.

Decidimos entrelaçar esses temas e usar nosso estágio como campo de prática e experimentações para nosso TCC. Dois jovens artistas com seus desejos, amor pelo que fazem, mas também com as inseguranças e angústias dessa nova etapa, iniciam então essa jornada. Decidem que querem oferecer uma oficina mais voltada para o cinema, na qual iriam produzir um curta-metragem do zero, desde a dramaturgia até a edição. Com o semestre reduzido e apenas oito encontros parecia impossível e uma loucura, mas decidimos manter nosso desejo e fazer isso acontecer, então é divulgada a ficha de inscrição para a comunidade.

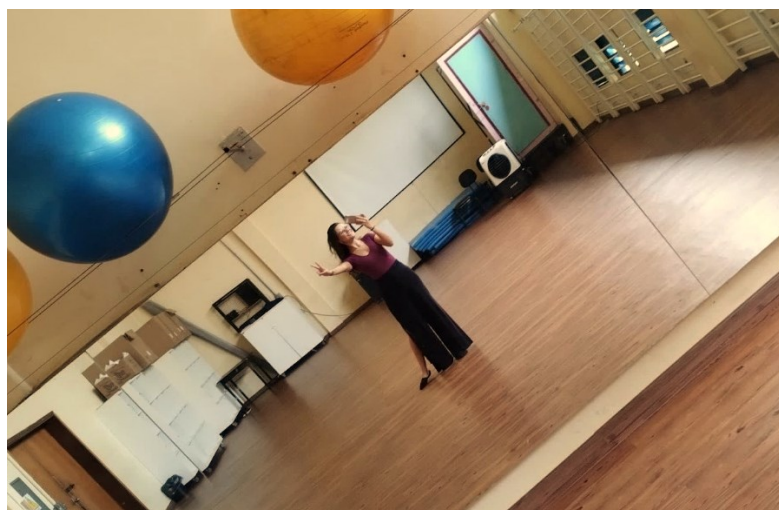
Foram 57 inscrições para uma oficina com 12 vagas disponíveis (mas ampliamos para 17), com idades variadas a partir dos 16 anos; eram pessoas que já haviam tido experiência com o teatro e outras que não. A partir de agora compartilho com vocês os aprendizados, os desafios, os devaneios, o pesquisar, o produzir, o dirigir, o atuar e o ensinar desse processo.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Primeiro Encontro

Vinte e três de fevereiro de Dois mil e vinte e quatro, das duas às cinco e meia da tarde.

Figura 5: Sala LAC – Bloco 3M Universidade Federal de Uberlândia



Fonte: Autoria própria

O frio na barriga está presente ao chegar no bloco, entro na sala, me insiro naquele ambiente e me conecto com ele, respiro fundo para me tranquilizar. Paulo chega, conversamos um pouco, damos uma repassada no nosso planejamento de aula e já vai dando a hora de iniciar. Treze pessoas chegam ao nosso encontro, no total somos quinze, iniciamos com uma dinâmica em roda para conhecer mais sobre cada um que estava ali presente naquele espaço, uma diversidade de pessoas, de histórias, uma conexão que começa a ser construída.

Escutamos nomes, idades, signos, *hobby*, gênero de filme favorito e o que cada um mais gosta de olhar na cidade. Como nossa aula tinha como objetivo iniciar práticas de improvisações com foco na observação no interno, mas também no outro, no que está fora de mim, no ambiente, como aquilo me afeta, que é algo que Meisner traz em sua técnica e é algo necessário na prática de derivas também, a continuidade dos exercícios foi focada nisso. Então, instruí a turma para o jogo “Três mudanças”, do Fichário de Viola Spolin¹³, no qual fazemos duas filas, uma de frente para a outra, onde cada pessoa consiga visualizar uma outra pessoa à sua frente. Nomeei uma fila de “A” e a outra de “B”, começamos então com um momento em que a fila A observa seu parceiro da fila B, olhando cada detalhe, seu cabelo, roupa, acessórios. Depois do tempo de observação, a fila A vira de costas e as pessoas da fila B devem fazer no máximo três

¹³ Viola Spolin foi autora e diretora de teatro, norte-americana, considerada como fundadora do teatro improvisacional. Ela desenvolveu os jogos teatrais e é autora de um grande número de textos para improvisação.

mudanças em si mesmos. Depois, a fila A vira e fala quais foram as mudanças feitas. Após isso, repetimos o mesmo processo com a fila B observando a fila A. Para eles foi um jogo bem tranquilo, não tiveram dificuldades, e começaram a ativar o “observar” de cada um, para as próximas dinâmicas.

Dando continuidade, iniciamos um exercício onde eles tinham que descobrir qual era o lugar/situação, a partir da observação de uma imagem estática que formassem. Escrevemos em papéis alguns lugares e algumas situações, como: “restaurante chique”, “está na fila do supermercado e deu vontade de ir ao banheiro porque deu dor de barriga”, “passando mal em hospital”, “cemitério”, “reencontrou o amor da sua vida depois de anos” e outros. Separamos a turma em três grupos. Só um dos integrantes pegava o papel e sabia então o que era, e criava uma imagem estática no espaço. Os outros integrantes do grupo tinham que compor a imagem a partir do que estavam vendo e achavam que era. Depois de todo o grupo entrar na imagem, a plateia, que era o restante da turma, tentava descobrir o que era, assim como os outros integrantes do grupo, e então a pessoa que pegou o papel contava se acertaram ou não. Foi um exercício bem divertido, leve e foi onde comecei a ver aqueles corpos que, mesmo em imagem estática, formavam uma imagem de cena. Os grupos que pegaram “cemitério” e “passando mal no hospital” montaram imagens onde a plateia conseguiu identificar bem. Mesmo tendo alguns palpites diferentes, eles ainda estavam interligados ao contexto. Para o grupo que fez o “reencontro com o amor da vida”, a plateia e os outros integrantes do grupo já tiveram uma leitura diferente, pois a partir da imagem que o primeiro integrante fez, eles entenderam que era um morador de rua pedindo dinheiro e não um homem pedindo o amor da sua vida em casamento. Foi engraçado ver essa leitura totalmente diferente que tiveram.

Partimos então para um dos exercícios “coração”¹⁴ da aula, um dos mais importantes, já que era composto pela observação e pela criação de cena. Pedi para que nos sentássemos em roda e entreguei para eles cinco impressões de pinturas do pintor, artista gráfico e ilustrador estadunidense Edward Hopper, que é muito conhecido pelas suas pinturas realistas, da vida moderna e que são marcadas pela solidão. Depois de todos olharem, pedi para conversarmos sobre o que estávamos vendo nas imagens, o que achávamos que estava acontecendo, quais sensações, quais sentimentos presentes. Então, começou uma troca muito interessante, a conexão da turma nesse momento já estava incrível, surreal de acreditar como pessoas

¹⁴ Exercício “coração”, é um termo usado pelo docente Henrique Bezerra, que nos foi ensinado em nossas aulas de estágio. Ele sempre nos orientou sobre a importância de definir o objetivo de uma aula que vamos realizar, e a partir desse objetivo traçar os exercícios, dinâmicas que podem ser feitas para atingi-lo. Com isso provavelmente teremos um exercício principal, o mais importante da aula, que nos permite realizar o que planejamos.

totalmente desconhecidas já estavam parecendo que se conheciam e conviviam há muito tempo. Começaram a falar sobre o que estavam vendo, e então supor histórias, o que estava acontecendo, e até fazer ligações das imagens, criando uma história só. Uma coisa que falamos, é que eles “fanficaram”¹⁵ muito; foi muito divertido e especial viver aquele momento e eu sentia que uma nuvem de criatividade artística pairava dentro daquela sala, onde pensamentos diversos se conectam, sem medo de julgamentos, apenas livres, criando, imaginando, contando histórias. A seguir estão as pinturas que levei para esse exercício e alguns comentários feitos pelos alunos.

Figura 6: *Nighthawks* - Edward Hopper (1942)

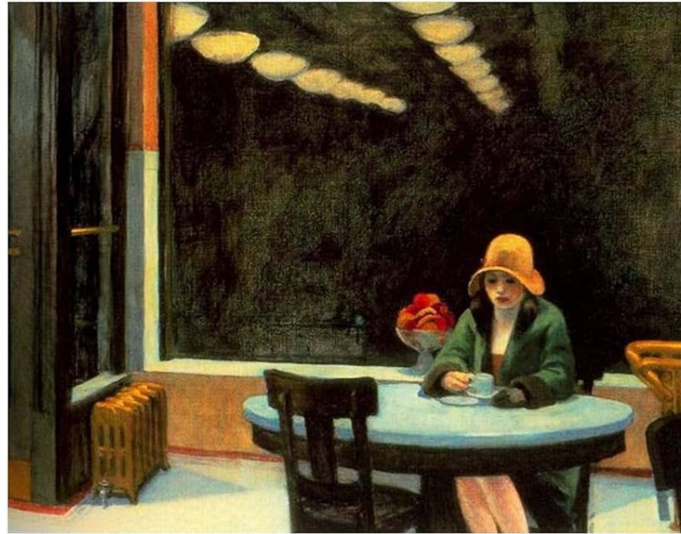


Observações do grupo

“Casal bebendo em um bar, que estava próximo ao horário de fechar”; “O empregado do bar, cansado”; “Antigamente tinham bares que serviam leite e aqueles galões atrás parecem de leite, acho que estavam bebendo isso”; “Tem um homem duvidoso no canto, parece um detetive”; “Pode ser um detetive que está observando criminosos”; “Ou um detetive que a esposa desse cara pagou, pois ela estava desconfiando que estava sendo traída”.

¹⁵ *Fanfic* (ficção de fã): se refere a narrativas ficcionais escritas por fãs, que usam personagens, tramas e cenários já existentes.

Figura 7: *Automat* - Edward Hopper (1927)



Observações do grupo

“Mulher cansada depois de um dia de trabalho”; “Triste tomando um café porque acabou de descobrir que o marido está te traindo, o detetive acabou de contar pra ela e sair dali” (aqui já fizeram uma continuação da cena anterior).

Figura 8: *Summer Evening* - Edward Hopper (1947)



Observações do grupo

“Estão tendo uma DR no momento, pensando em terminar”; “Ou planejando qual lugar vão se pegar, atrás da casa talvez”; “Conversando fora da casa, longe dos pais, para eles não saberem”.

Figura 9: *Night Windows* - Edward Hopper (1928)



Observações do grupo

“Será que esse laranja aqui do lado direito da janela é uma lareira, aí começou a pegar muito fogo e feder o apartamento, então ela abriu a janela”; “Uma mulher que decide organizar a casa à noite”; “Um vizinho espião observando a moça disfarçadamente”.

Figura 10: *Hotel By a Railroad* - Edward Hopper (1952)



Observações do grupo

“Velho rico fumando e olhando a vista, nem conversa com sua esposa”; “Mulher fazendo uma leitura, de camisola, talvez tenha acabado de acordar”; “Ele tem uma cara de misterioso, perfil de ser o detetive que estava naquele bar.”

Depois de muitas histórias criadas e um aflorar da criatividade, pedi para que eles se separassem em grupos e escolhessem uma das pinturas. Três grupos e três pinturas, “*Hotel By*

a Railroad”, “*Automat*” e “*Nighthawks*”. O primeiro exercício era compor uma imagem estática da pintura. Perguntaram se poderiam colocar objeto, falamos que sim, então pegaram algumas cadeiras, e criaram a imagem. Pedimos para cada grupo montar sua imagem em um espaço da sala. Depois que todos tinham feito, pedimos para um grupo ficar no espaço de sua imagem e o restante da turma ia até o lugar e observava a imagem por várias perspectivas. Assim fizemos com todos os grupos. Nos momentos das observações eles também já falavam palpites do que poderia estar acontecendo, pois a imagem sempre tinha algumas diferenças das pinturas, principalmente na quantidade de pessoas, já que os grupos tinham mais integrantes do que os que estavam representados por Edward Hopper.

Figura 11: Alunos recriando as pinturas de Edward Hopper



Fonte: Autoria própria

Para finalizar esse exercício com a imagem, evoluímos então para a criação de uma cena curta, incluindo falas e movimentos. A cena deveria conter a imagem estática que criaram anteriormente. Combinamos 15 minutos para eles esboçarem a cena e nesse tempo ficamos observando todos em movimento, criando e decidindo juntos quais alterações poderiam fazer. Foi engraçada a sensação que tive nesse momento, pois normalmente quem está no lugar de criar a cena enquanto o professor observa, sou eu, juntamente com os meus amigos. Então, estar nessa perspectiva de docente agora, foi interessante. Observar de fora a criatividade deles gerou

uma empolgação, fiquei ansiosa para ver o que iam apresentar. Depois de ficar aquele tempo ali hipnotizada com o momento, chegou a hora de compartilharem as cenas com a turma.

O pedido “Podemos colocar uma música como trilha sonora para a cena?”, de um dos integrantes da turma, me atravessou de uma tal forma que eu nem imaginava. Meu coração sentiu uma alegria tão forte naquele momento e sem pensar duas vezes já respondi: “É claro, vou pegar o celular para você colocar”. Como dito anteriormente, abordar a música nesse trabalho era algo que eu desejava, de forma que poderia auxiliar o estudo de personagem, a criação da história e também nesse lugar de trilha sonora, na colaboração para a criação da atmosfera da cena e também no processo de estudo de personagem. A música sempre foi algo muito presente na minha vida, e como ela é algo que nos gera sensações, emoções, nos remete a lembranças, provocando várias respostas em nosso corpo, sempre valorizei muito a presença dela em processos dramáticos, sinto que funciona muito para meus processos.

Quando estou assistindo a um filme, é incrível como a trilha sonora me atravessa, me faz emergir mais ainda naquela história, como se eu estivesse naquele lugar, naquela situação, vivendo o momento daquela personagem. Muitas das vezes já estou me emocionando com o que estou vendo na tela, quando os atores conseguem transmitir o real, de uma forma que eu esqueça que aquilo é um filme e parece que estou vivendo com eles aquela história, e então quando inicia a música, aquela emoção toma conta de mim de uma forma que já libero totalmente o que estou sentindo, se forem situações emocionantes, o choro vem, colocando para fora as sensações da alma. Se for a felicidade, a gargalhada é instantânea. E quando aquelas duas horas de filme terminam, tudo o que senti continua reverberando em mim, e é isso que me encanta, é o que mais gosto de sentir como espectadora e o que mais pretendo servir como atriz. Sei que prolonguei o relato de um exercício falando um pouco do que senti e sobre minhas emoções, mas me encontro nesse tipo de escrita, portanto, no decorrer desse relato isso irá se repetir mais vezes. Tudo isso é para mostrar o quanto aquele pedido de incluir a trilha sonora no exercício me deixou feliz, e foi interessante porque também serviu de inspiração para os outros grupos, que também quiseram escolher uma música para suas respectivas cenas depois.

Então começaram as apresentações das cenas, o uso do espaço foi algo que percebi, pois mesmo não contendo um cenário completo montado, apenas cadeiras que marcavam um pouco os lugares, os jogadores conseguiram explorar e nos mostrar bem onde estavam. Eu, pelo menos, consegui visualizar no imaginário como era aquele ambiente, e essa é uma das coisas que o teatro nos permite. No teatro, é mais provável que o espectador compre a ideia do ator, se o ator senta em uma cadeira e faz movimentos como se estivesse com um volante na sua frente, logo

o público já entende que aquilo é um carro, não tem a necessidade de ter um veículo no palco. Já o cinema, com a linguagem naturalista, realista, não permite que isso aconteça, é preciso ter um carro para que o ator possa dirigir, dependendo da produção, apenas para o ator simular, mas tem que ter um carro ou um volante.

Retornando às apresentações, tiveram várias interações entre os personagens. Foi o momento em que percebi que alguns têm um pouco de dificuldade de projetar mais a voz e de expandir o corpo, então se tornou algo ao qual quero dar mais atenção nas aulas, pois na oficina quero que pratiquem um pouco da atuação tanto para o teatro quanto para a câmera, fazendo com que percebam as diferenças e afinidades entre elas. Os três grupos apresentaram, e por ser um exercício de primeira aula, já foi muito interessante, eles se entregaram, compraram a ideia e realmente se jogaram.

Depois, partimos para alguns exercícios mais voltados para a observação do espaço, algo mais relacionado à deriva. Paulo guiou um momento em que eles andavam pelo espaço e observavam seu corpo primeiro, depois observavam o outro, depois tinham seu olhar para a sala visualizando cada objeto da sala, tocando neles, atentos às texturas, às temperaturas dos objetos, do ambiente. Era pedida uma atenção maior aos sons também, os que estavam dentro e fora da sala. Após essa observação, queríamos então tirar por alguns minutos um dos sentidos mais importantes do nosso corpo, que é a visão, então vendamos todos e pedimos para que caminhassem pela sala, prestando atenção naquelas mesmas coisas, mas agora com os outros sentidos, pois essa percepção também é importante na prática da deriva. Alguns caminhavam mais confiantes pelo espaço e tomando cuidado, outros já tinham um caminhar mais lento e se sentiam mais confortáveis andando perto das paredes da sala, mas exploraram muito e se permitiram viver aquilo. Quando terminamos e tiramos a venda, alguns já começaram a falar que gostaram muito, outros diziam que sentiam um pouco de medo de bater nas coisas ou nas pessoas.

Então, para finalizar os exercícios, o Paulo instruiu a turma para que escolhessem um lugar da sala que seria o quadro para montagem de imagens. Eles escolheram um lugar onde tinham mais objetos, cadeiras, mesa, colchonetes, caixote etc. Depois da escolha, dividiram-se em grupos e nós nos sentamos como plateia. O exercício consistia em um integrante do grupo começar fazendo uma imagem estática naquele quadro do ambiente, mas ele teria que ir e fazer de olhos fechados, colocava sua venda e ia se posicionar. O restante do grupo olhava e quando sentia vontade, entrava na cena da mesma forma, vendado, e compunha uma imagem estática também, assim então fizeram. Depois que essa imagem era montada, a plateia tinha três

comandos que poderiam ser usados para modificar a imagem: “Evolui”, para eles movimentarem essa imagem, “Pausa”, para congelarem e “Finaliza”, para acabar. Quando acabavam, nós tirávamos uma foto para registro, e depois de olharem as fotos escolhiam um nome para intitular a imagem: “Festa sem álcool”, “Namastreta” e “Constelação Familiar” foram os nomes escolhidos para as três imagens, quando todos os grupos finalizaram. O pessoal participou muito desse exercício e gostou tanto de fazer a imagem quanto de ser a plateia e dizer os comandos.

Figura 12: Imagens estáticas



Fonte: Autoria própria

Para finalizar a aula, sentamo-nos em roda e pedimos para falarem uma palavra que definia esse primeiro encontro, sobre o que eles acharam.

DIVERTIDO

EXPERIÊNCIA

BRINCADEIRA

AVENTURA CONFORTÁVEL FANFIC UNIFICAR

CRIAÇÃO SOCIALIZAÇÃO

Conversamos um pouco a partir disso, e tivemos um *feedback* muito positivo deles. Disseram que gostaram muito do primeiro encontro, e os exercícios que mais gostaram foram justamente os dois “corações” da aula, que era o das pinturas e o da criação de imagem estática vendados. Então, ficamos muito felizes com esse retorno. Para uma primeira aula fomos surpreendidos positivamente. Na próxima semana se iniciavam, então, nossas práticas de deriva.

Segundo Encontro

O encontro agora era na Praça Luiz Finotti, algumas ruas acima da UFU.

Figura 13: Praça Luiz Finotti - Santa Mônica - Uberlândia MG



Fonte: Autoria própria

Aos poucos a turma foi chegando, e já conversavam sobre suas vidas, a interação entre eles é algo que nos chama muita atenção para o lado bom, pois se conhecem há tão pouco tempo e conversam como se já fossem velhos amigos. Todos chegam, vamos dar início à nossa “deriva”. Em roda, no meio do gramado da praça, eu guio o alongamento para preparar nosso corpo para a caminhada; fazemos algumas respirações profundas, escutamos os sons em nossa volta, visualizamos o ambiente e os que estão ao nosso lado, olhamos nos olhos de cada um, Paulo faz leituras de trechos sobre a prática da deriva, para começar a criar uma atmosfera. Ele

cita uma frase de Veronica Veloso¹⁶: “A Deriva como tática para perder-se ou um modo cinematográfico de olhar a cidade” (Veloso, 2017, p.179).

Em seguida, separamos duplas e entregamos vendas, um guia pela praça o outro que está vendado, para que o colega viva a experiência de sentir a vida pelos outros sentidos e não pela visão. A escuta está mais atenta, o tato desconfiado do que não vê, um caminhar cuidadoso com as variações do chão. Patrícia, uma das integrantes da turma até relatou que foi muito interessante essa prática antes da deriva, porque permitiu que ela fosse para o caminhar mais tranquila e aberta para viver aquela experiência: “Eu precisei sentir para poder caminhar”.

Nesse exercício, guiei o aluno Diogo e depois eu fui guiada por ele. Eu já tinha vivenciado essa prática em uma aula na UFU e gostei muito, e dessa vez não foi diferente. Ao guiar o outro, sua atenção visual é redobrada, pois você vê pelo outro, então seu dever é mantê-lo seguro, cuidando com o lugar que pisa, em que encosta. Ser guiada não me trouxe grandes desconfortos, pois estava me sentindo segura com a maneira que fui conduzida, consegui explorar bem o tato, a audição, já o olfato senti que foi mais difícil.

Finalizando essa prática, começamos então a deriva. Todos preparados para a caminhada, instruímos que ficássemos todos em silêncio, durante todo o percurso, teríamos também um guia sinalizado com uma bandana, que iria se revezar ao decorrer do tempo, onde ele estaria a frente do grupo, caminhando na direção que desejasse e seguiríamos o mesmo trajeto. Uma pomba¹⁷ para cada, nosso instrumento de comunicação e intervenção artística. Eu estava com um olhar mais atento no lugar de docente, então não consegui viver tão intensamente a experiência, mas mesmo assim coisas me atravessaram, como: observar eles vivenciando o momento presente; o quanto as mãos com as pombas estavam com vontade de criar no espaço, escreviam no chão, nas árvores, nas lixeiras; como alguns paravam mais e analisavam pequenos detalhes; como outros não paravam muito; flores colhidas; fotos tiradas.

¹⁶ Veronica Veloso é professora doutora do Departamento de Artes Cênicas da USP e pesquisadora do PPGAC (ECA- USP). É autora do livro *Percorrer a cidade a pé: ações teatrais e performativas no contexto urbano* (Ed. Appris, 2021).

¹⁷ Pomba, um giz em formato cônico e arredondado, feito de calcário, que é usado em rituais de religiões afro-brasileiras como Candomblé, Umbanda e outras.

Figura 14: Registros da deriva



Fonte: Autoria própria

Os olhares das pessoas que passavam de carro ao nosso lado, me faziam criar histórias. Uma jovem no banco do passageiro, com uma mulher dirigindo, acredito que sua mãe, fixou olhos interessados em saber o que estava acontecendo, deu um sorriso de que achou interessante ver aquele movimento, isso ficou gravado em minha mente. Muitos olhares como esses surgiram, muitos de dúvida também, onde se perguntavam “o que estava acontecendo ali?”. Outro momento memorável foi quando passamos em frente a uma cafeteria e logo ao lado tinha um Lar de Idosos. Aquele contraste me atravessou, pois na cafeteria tinham duas jovens

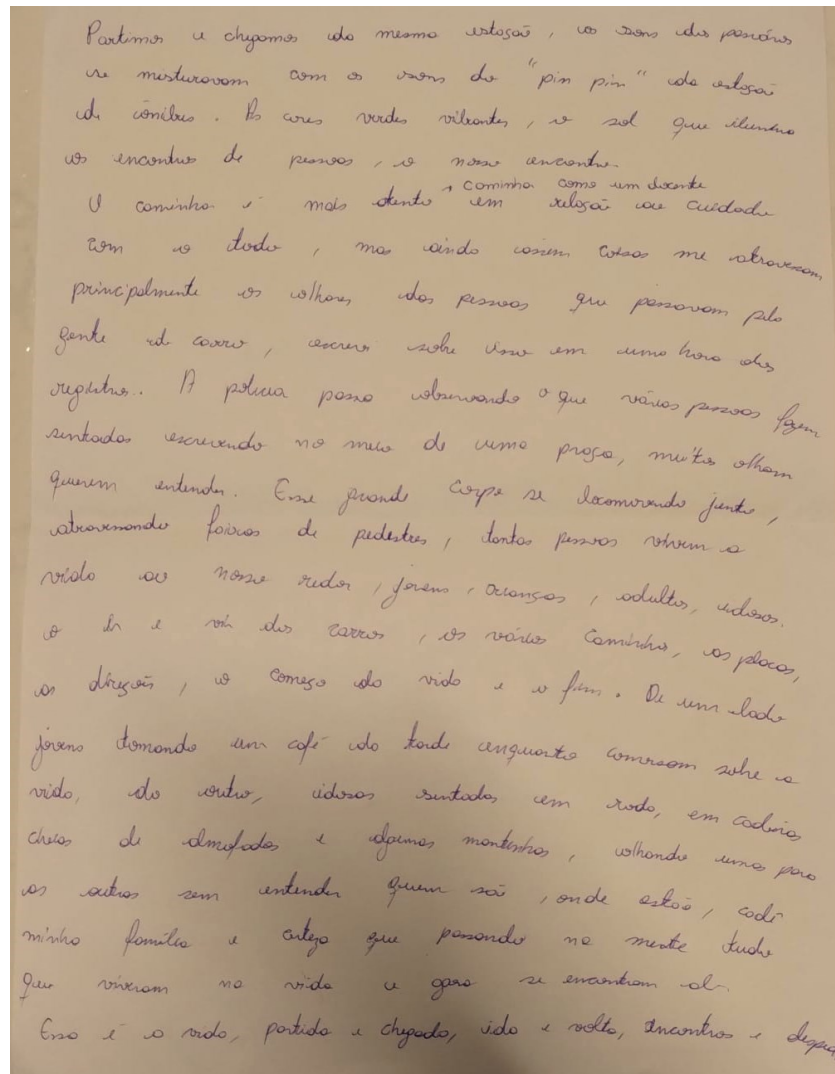
sentadas, conversando, um momento de amigas atualizando sobre a vida, e assim que vejo isso, na casa ao lado, já me deparei com uma senhora, que tinha um olho com uma mancha branca, um olhar fixante, que queria entender quem era aquela menina que estava parada no portão lhe observando. Ela estava sentada em uma cadeira de rodas, sozinha na varanda daquele lar, onde tocava uma música sertaneja no rádio ao fundo. Quando estendo meu olhar para mais longe, vejo uma porta pela qual consigo ver dentro da casa, e lá está uma roda de senhoras, no escuro, só a luz das janelas não era suficientes para iluminá-las, e todas caladas, com olhares perdidos. Sinto que nenhuma delas entende quem são essas outras pessoas, se perguntam “onde estou?” ou “cadê aquele olhar conhecido?”, de um filho, um neto, um irmão...

Eu congelei ali, aquilo me paralisou, lembrei também de idosos da minha família, que já faleceram, outros que ainda estão vivos, mas que felizmente moram em suas casas e têm os familiares por perto. Eu senti uma angústia no peito, e aquilo me fez pensar em como o ciclo da vida é rápido e surpreendente, e que hoje me encontro em um lugar como aquelas jovens na cafeteria, que estão em movimento constante, junto com a família, ou estudando, trabalhando, em momentos de lazer. Entretanto, daqui a um tempo posso estar no momento daquela senhora, talvez sozinha, sem movimento constante, sem família muito presente, sem estudo, sem trabalho, só eu, as minhas memórias do que vivi e algumas pessoas solitárias ao meu lado.

Ali pude me conectar com uma coisa que digo e que gosto de praticar muito, que é sobre viver o momento presente, aproveitar a vida, pois esse existir passa rápido e não sabemos o dia de amanhã. E aí fui ligando como isso pode ser levado para dramaturgia do curta-metragem, talvez um curta que fale sobre as fases da vida, ou que traga reflexões sobre o viver e como isso me conecta também aos meus estudos da Técnica Meisner, que preza justamente por viver o momento em cena, viver verdadeiramente no mundo imaginário daquela história, o presente, o agora, seguir os impulsos naturais do corpo, para uma melhor interpretação. Foi interessante como aquele momento e aquela observação me fizeram entender que todas essas coisas que perpassavam por mim, independente se estão ligadas ao pessoal, ao estudo, ao profissional, caminhavam para o mesmo foco: “A veracidade do viver”.

Quando voltei a atenção para a deriva, todos já estavam na outra rua, e só tinha eu ali. Lágrimas escorreram pelo meu rosto, respirei fundo e voltei a caminhar ao encontro deles. Continuamos por mais um tempo a deriva, até começar a chover. Então finalizamos, mas também foi na hora que já estávamos planejando terminar. Chegamos novamente na praça, e pedimos um registro individual, uma escrita automática em 10 minutos, e eu e Paulo também fizemos essa atividade.

Figura 15: Minha escrita automática feita no fim da prática da deriva



Partimos e chegamos da mesma estação, os sons das pássaros
se misturavam com os sons do "pin pin" da estação
de ônibus. As cores verdes vibrantes, o sol que ilumina
os encontros de pessoas, o nosso encontro.
O caminhar é mais atento, caminhar como um docente
em relação ao cuidado com o todo, mas ainda assim coisas me atravessam,
principalmente os olhares das pessoas que passam pela
gente de carro, escrever sobre isso em uma hora dos
registros. A polícia passa observando o que várias pessoas fazem
sentadas escrevendo no meio de uma praça, muitos olham
quem entende. Esse grande corpo se locomovendo junto,
atravessando faixas de pedestres, tantas pessoas vivem a
vida ao nosso redor, jovens, crianças, adultos, idosos,
o ir e vir dos carros, os vários caminhos, as placas,
as direções, o começo da vida e o fim. De um lado
jovens tomando um café da tarde enquanto conversam sobre a
vida, do outro, idosos sentados em roda, em cadeiras
cheias de almofadas e algumas mantinhas, olhando umas para
as outras sem entender quem são, onde estão, com
minha família e amigos que passando no meio tudo
que vivem na vida e que se encontram ali.
E assim é a vida, partida e chegada, ida e volta, encontros e despedidas.

Fonte: Autoria própria

“Partimos e chegamos da mesma estação, os sons dos pássaros se misturavam com os sons do “pin pin” da estação de ônibus. As cores verdes vibrantes, o sol que ilumina, os encontros de pessoas, o nosso encontro. O caminhar é mais atento (caminhar no lugar de docente) em relação ao cuidado com o todo, mas ainda assim coisas me atravessam, principalmente os olhares das pessoas que passavam pela gente de carro, escrever sobre isso em uma hora dos registros. A polícia passa observando o que várias pessoas fazem sentadas escrevendo no meio de uma praça, muitos olham e querem entender. Esse grande corpo se locomovendo junto, atravessando faixas de pedestres, tantas pessoas vivem a vida ao nosso redor, jovens, crianças, adultos, idosos, o ir e vir dos carros, os vários caminhos, as placas, as direções, o começo da vida e o fim. De um lado jovens tomando um café da tarde enquanto conversam sobre a vida, do outro lado, idosos sentados em roda, em cadeiras cheias de almofadas e algumas mantinhas, olhando umas para as outras sem entender quem são, onde

estão, cadê minha família e certeza que passando na mente tudo que viveram na vida e agora se encontram ali. Essa é a vida, partida e chegada, ida e volta, encontros e despedidas.”

Depois da escrita, explicamos que não precisavam mostrar e nem ler para o grupo, pois era algo mais íntimo. Pedimos, então, uma última atividade, na qual íamos gravar um vídeo de cada um, falando sobre a deriva. Podiam falar como quisessem, apenas palavras jogadas, ou contar mesmo como foi ou relatar aquela experiência como se fosse uma história de ficção. Intitulamos o vídeo de “Delírios Urbanos”: um exercício pensado para que eles pudessem ter esse primeiro contato com uma câmera, já que vamos abordar a linguagem de audiovisual no trabalho final. Foi muito interessante o que cada um trouxe, a forma que expressaram isso e os enquadramentos que já pude observar com um olhar de estudante iniciante de direção de fotografia. Mais um encontro terminava e começava então um possível caminhar dramático, após todas as vivências que cada um teve naquela deriva, tínhamos certeza que teríamos muitos materiais para a criação do roteiro.

Terceiro Encontro

Figura 16: Alongamento em roda



Fonte: Instagram (@lapet_ufu)

Como o normal da vida, o que acontecia dentro e fora de mim refletiu nesse encontro. A quantidade de demanda de estudos e coisas pessoais que eu e o Paulo estávamos tendo naquela semana nos levou a uma aula um pouco desamarrada, ao contrário da primeira, na qual conseguimos um plano de aula muito bem ligado e coeso ao nosso objetivo. Mesmo assim, ainda foi uma aula de bom proveito e que serviu para nos ensinar muita coisa, que é justamente o normal da vivência de estágios.

Nesse dia, mudamos de sala, fomos para a Sala Ana Carneiro, pois queríamos projetar os vídeos captados na deriva, o que daria certo nessa sala, pois era mais escura. Começamos com um alongamento, no qual guiei para espreguiçarem e acordarem o corpo, mas logo depois já pedi para se deitarem, pois queríamos um momento de visualização dos momentos da deriva, e aqui já percebemos coisas contraditórias, mas segui e guiei com falas, para conseguirem se reconectar com o que viveram. Depois de 10 minutos nisso, partimos então para assistir os vídeos da última aula, Paulo colocou todos os depoimentos em um vídeo só e foi interessante ver como cada um teve suas particularidades na vivência e como algumas coisas se entrelaçavam. Após assistirmos os vídeos, pegamos um papel craft para que todos eles pudessem desenhar, escrever palavras, frases, das coisas mais importantes dessa experiência para eles, quais sensações tinham sido causadas, quais momentos ficaram na memória. Tivemos uma aluna que faltou na prática da deriva, mas por coincidência a praça por onde começamos, foi uma praça muito presente na sua infância, ela morou ali perto e tinha muitas memórias daquele lugar, então ela trouxe isso para aquele registro. Fizemos o registro e em seguida abrimos para uma roda de conversa.

Figura 17: Registros no papel craft, de elementos marcantes da Deriva



Fonte: Autoria própria

Relatos do Grupo

“A cidade é muito pensada para carros e não pra pedestres”

“Faixas de pedestres são ignoradas”

*“Lugares abandonados, terrenos vazios, construções inacabadas e vazias e enquanto isso,
muitas pessoas morando nas ruas”*

“Escolas como cadeias, escolas como depósitos”

*“O que deixa a cidade mais bonita pra mim, são as flores, as cores que elas refletem no
espaço”*

“Saudade da casa que morava, da minha infância”

“A Senhora do olho branco”

“Escola extremamente vermelha, tudo extremamente vermelho”

“Singularidades e resistência, uma única flor no meio do gramado”

“Eu sentia tanto calor, me incomodava muito”

“Lixeiras me chamaram atenção, cada uma de uma forma”

“O incômodo, que a paisagem urbana provoca, ela é agressiva”

“Não tem sombras na cidade”

Nesse momento de partilhas, Paulo nos contou que durante a prática feita na praça com as vendas nos olhos, uma mulher chegou até ele e perguntou o que estávamos fazendo. Após ele explicar ela disse que ao ver aquilo se emocionou, pois lembrou de sua sobrinha que já havia falecido, ela era cega e a tia a ajudava andar pelas ruas, segurando em seu braço, narrando algumas coisas que aconteciam pelas ruas enquanto elas caminhavam e alertando sobre desníveis no chão. Achei interessante e sensível ter ocorrido esse momento, pois essa mulher desconhecida que passava por ali justamente naquele momento, ficou comovida com o que fazíamos, me levando a refletir sobre como essas práticas artísticas nas ruas, também afetam as pessoas que não estão envolvidas diretamente, mas que estão no lugar de espectador,

observando através da janela do ônibus enquanto vai para o trabalho ou enquanto caminha por ali rumo ao mercado ou a sua casa.

Após essa conversa e muito tempo sentados, partimos para um exercício onde tinham que criar partituras corporais compostas por três imagens, baseadas no levantamento sobre a deriva de forma individual. Nesse momento, eles tiveram muita dificuldade e foi quando notei que a continuidade de sair da roda de conversa e partir para uma criação corporal direto, foi algo falho, pois eles estavam sentados há um bom tempo e precisavam de algo para aquecer o corpo antes de iniciar atividade prática. Eles ficaram meio que parados no espaço, olhando uns para os outros, tentavam fazer algo, mas logo paravam. Eu dava mais instruções, respondi algumas dúvidas, mas ainda estavam com dificuldade. Nesse momento até fui conversar com o professor Henrique, que estava acompanhando nossa aula nesse dia, e comentei que percebi que erramos ali, faltou um aquecimento para causar esse estado corporal para aquele tipo de exercício, ele concordou e disse que comentaria com a gente depois. Então, deixamos mais alguns minutos para a atividade; fui até eles e ajudei nas dúvidas e depois já fomos apresentar. Mesmo com as dificuldades de criarem essas partituras, eles conseguiram apresentar um ótimo resultado e todos fizeram as três figuras estáticas com as transições, e nelas conseguimos identificar bem os aspectos que cada um trouxe da deriva. Depois que eles apresentavam, também comentavam um pouco sobre o que tinham feito: “Fiz a solidão da senhora no lar de idosos”; “O pai que acabou de deixar o bebê no berçário”, “A água que observei passando na lateral da rua”; “O observar o óbvio”, “O senhor em situação de rua”, “Os momentos que fizemos registros com o giz”, “Um abraço em mim mesma por lembrar de uma memória da infância”.

Assim que todos acabaram de apresentar, fizemos um intervalo de cinco minutos, bem rápido porque já estávamos com pouco tempo. Nesse intervalo, eu e Paulo decidimos como seria a separação de dois grupos para a próxima atividade, na qual iriam criar cenas com os aspectos individuais que foram citados na aula sobre a deriva. Separamos de acordo com as temáticas que percebemos que se entrelaçavam, que tinha algum tipo de conexão, pois na cena eles tinham que juntar o que cada um tinha relatado da sua experiência individual.

Grupo 1: NICOLAS, DIOGO, GIOVANA E PEDRO.

Grupo 2: JÉSSICA, PATRÍCIA, LUCAS E VIVI

Voltaram do intervalo, explicamos a atividade, separamos os grupos e eles tinham 15 minutos para a criação. Reuniram-se logo e já iniciaram a troca de ideias e a construção das

cenas. Eu e Paulo íamos um pouco em cada grupo, para entender o que estavam desenvolvendo e dar dicas. Depois de conversarem muito e conseguirem montar uma história ligando o que cada um tinha relatado, sobraram poucos minutos para combinarem como seria a movimentação e quais objetos iam precisar. Depois disso feito, era a hora de apresentar para a turma. Separamos o espaço, o palco e a plateia e começamos.

O Grupo 2 começou apresentando. Com apenas uma cadeira no meio do palco, a cena se iniciava com Patrícia e Vivi. Patrícia era mãe e estava tentando ensinar seu filho (Vivi) a andar de bicicleta. O filho tinha muito medo, mas a mãe apoiava e falava que estava ali com ele, que ia dar certo. Ele então consegue andar um pouco, mas depois acaba caindo. Fica triste, chora, mas ela o levanta, fala que ele vai ficar bem e eles vão embora para passar um remédio no machucado. Assim que saem de cena, entram Jéssica e Lucas. Jéssica era aquela mãe, só que mais velha e Lucas era aquele filho, só que mais velho. A mãe está em uma cadeira de rodas e o filho está passeando com ela na rua, onde iniciam uma conversa sobre a vida, refletem sobre como o tempo passou e lembram de quando ela o ensinou a andar de bicicleta. A mãe então fala que estava ali do lado dele naquele momento e que é assim que ela vai estar sempre, ajudando quando que ele precisar. Logo depois já inicia o assunto sobre a namorada do filho, e a mãe fala que ele tem que se separar dela porque ela não gosta dela. Ali, os personagens começaram uma discussão muito engraçada e finalizam a cena. Gostei muito do que eles propuseram; refletiram sobre essa passagem da vida, sobre o valor dessa relação de mãe e filho nas idades diferentes, de uma forma simples, que foi o ensinar andar de bicicleta e depois com o decorrer da cena trouxeram a comédia no diálogo. A cena, então, foi reflexiva, emocionante e engraçada.

Para finalizar, o Grupo 1 reorganiza o palco, deixando duas cadeiras na lateral e um caixote no meio. Ao lado desse caixote, Pedro faz um homem em situação de rua, deitado no chão, encolhido, às vezes levanta, pede comida, dinheiro. Enquanto isso, Giovana, uma mulher, apenas caminha pelas ruas, observando tudo e parando para fazer registros na rua, como fazíamos na deriva. Na lateral, Nicolas e Diogo, dois amigos em uma cafeteria conversando sobre como estão, falam sobre problemas no trabalho, um deles conta que ficou sabendo que alguns falaram mal dele; eles continuam esse diálogo até se despedirem e finalizam a cena.

Quando todos acabam de apresentar, sentamo-nos em roda e nosso professor Henrique veio e se sentou também. Comentamos rapidamente sobre as cenas, ambos os grupos falaram coisas muito positivas uns dos outros, sobre os aspectos que estavam presentes e como foi

demonstrado. Finalizamos muito felizes com o que tinha sido apresentado ali. Já chegava ao fim do encontro, então agradecemos, nos despedimos e eles foram embora.

Depois, ficamos na sala com o Henrique para ele comentar sobre a aula. Primeiro ele pediu para que eu e Paulo falássemos o que tínhamos achado daquela aula, se tínhamos alguma observação, e logo já comentamos que sentimos que a aula não foi muito bem planejada em questão da ordem dos exercícios. Comentamos do erro de não trazer um aquecimento corporal antes das criações de partituras e sobre o pouco tempo que sobrou para a criação de cenas. Então ele disse que as observações dele eram as mesmas, conversamos, então, sobre o que poderíamos ter feito de diferente, como depois dos registros do kraft, ao invés de ir para um trabalho corporal, como a criação da partitura, ter proposto uma escrita de um texto para ser usado no curta, já que estavam em um momento mais quieto e reflexivo. Por fim, fomos entender quantas aulas faltavam, quais seriam os próximos passos necessários e foi naquele exato momento em que eu e Paulo paralisamos por alguns instantes... eu sentia o desespero querendo tomar conta de mim, só passava pela minha cabeça “estou com medo de não conseguir, não vai dar tempo, foi uma loucura tentar fazer isso Tatiana”, nos restávamos a metade dos encontros, mas ainda não tínhamos nenhuma linha do roteiro escrita, Henrique nos alerta sobre isso e estimula a mudança de planos.

Tínhamos como ideia inicial fazer mais uma prática da deriva, mas ali percebemos que não seria possível isso, Paulo mesmo abrindo mão de algo que agregaria aos seus estudos, foi o primeiro a falar que a melhor opção para nós, era não realizar essa segunda deriva, pois que com a prática que já tínhamos feito, conseguiríamos desenvolver uma boa dramaturgia. Então entendemos que as duas próximas aulas teriam que ser usadas para levantamento de cenas, criando repertório e possibilidades de histórias para o curta-metragem. No fim, eu e o Paulo ficamos abalados pelos acontecimentos, devido ao mau planejamento, mas depois entendemos o quanto isso faz parte do processo de estágio, de aprendizagem e como foi importante o nosso professor estar ali naquele dia e nos ajudar a entender o que poderíamos ter feito de diferente e, ainda, auxiliar com algumas ideias para os próximos encontros. Assim é finalizado mais um dia de estágio, com algumas falhas que nos ensinaram e com coisas muito proveitosas, como a criação das cenas. O próximo passo, agora, era preparar a próxima aula.

Quarto Encontro

Diferente do último encontro, esse me rendeu choro de felicidade no fim, eu sentia meu corpo pulsando de realização, me sentia confiante, me sentia enérgica, com a certeza que era possível um resultado lindo desse encontro de pessoas.

Bom, vou começar do início. Desde a última aula, na qual tivemos erros e algumas frustrações, refletimos sobre o que aconteceu e isso nos ajudou a nos planejarmos melhor para essa aula. Agora pretendíamos propor uma aula bem amarrada, desde o aquecimento até o último exercício do encontro, tudo se conectando muito bem. Começamos com um jogo rápido em roda, onde cada um falava um número, de acordo com a ordem da roda. Quando falasse o número, batia palma e no contratempo abria as mãos para as laterais e batia palma no colega do lado e quando finalizava uma volta inteira, tínhamos que bater uma palma embaixo da perna e retornava ao ciclo novamente. A cada rodada que acontecia, aumentava uma palma em baixo da perna. Foi engraçado, pois tivemos alguns erros até conseguir fazer direito, e aí deu certo e conseguimos começar a esquentar o corpo. Depois, partimos para um jogo que Paulo trouxe e que já vivenciou em suas experiências de teatro. Nele, imaginamos uma tábua no meio enquanto estamos escorados nos 4 lados da sala, e quando alguém sobe na tábua, outra pessoa do lado contrário tem que entrar e equilibrar a tábua. Ficam ali jogando com esse equilíbrio, propondo correr, ou chegar perto do centro, ou mais distante, e assim por diante. Fizemos então esse exercício, eles se conectaram bem, conseguiram pegar a dinâmica e aqueceram mais ainda. Então, partimos para o último exercício de aquecimento, “Jacadí”, no qual todos andavam pelo espaço e, quando falávamos “Jacadí, pular”, “Jacadí, andar mais rápido”, “Jacadí, parar” e outros comandos, como rolamento, aquecimento vocal onde trabalhamos com algumas sílabas, eles tinham que realizar os comandos. Entretanto, havia uma pegadinha: só quando era dito “Jacadí” antes da frase que se podia executar a ação, caso contrário, mantinha-se o que estava sendo feito antes. Não contamos sobre essa regra, queríamos que descobrissem com o passar do jogo, então quando faziam errado, parávamos o exercício e começamos de novo e depois começamos a tirar do jogo o participante que errava. Então, perceberam que tinha essa regra e o jogo foi fluindo, funcionou muito bem, além de explorarmos a atenção deles, conseguimos aquecer corpo, voz e prepará-los para os próximos exercícios da aula.

Partimos para o segundo momento da nossa aula, no qual guiei um exercício em que eles tinham que caminhar pelo espaço e, quando eu falasse uma palavra e batesse palma, eles tinham que criar uma imagem estática sobre o que sentiram ao escutar aquela palavra. Trouxe então como repertório palavras baseadas no levantamento de sensações e assuntos abordados

na última aula, na roda de conversa sobre a deriva. Foi muito interessante como a cada palavra existia uma similaridade corporal entre eles, mas também tiveram algumas diferenças.

Entre uma palavra e outra fui brincando com o andamento desses corpos se locomovendo pelo espaço, como: “Vocês estão perdendo o ônibus para ir pra o trabalho”, “Andando em câmera lenta agora”, “Estão atrasados para a aula da oficina”, “Estão correndo no aeroporto, porque se não vão perder o voo para Paris” e assim por diante. Era um dia quente, então cansaram bastante. Finalizando esse exercício, ainda pedimos para que continuassem andando pelo espaço, com uma velocidade do cotidiano, e que pegassem os materiais que trouxeram de casa, pois durante a semana, pedimos para que eles pesquisassem textos, poemas ou músicas que remetiam às sensações individuais sobre a deriva. Um dos fragmentos presentes no exercício:

Eterno Viajante

Deixe o som entrar

Sai de casa

Não quero mais voltar

A estrada agora é seu lar [...]

(Gabriel Gonti)

Eles pegaram esses textos e continuaram andando pelo espaço. Começamos pedindo para eles lerem em uma voz com o volume de uma conversa normal, todos juntos, enquanto caminhavam. Depois pedimos para aumentarem o volume, até chegarem no grito como se estivessem querendo falar com uma pessoa muito distante, e assim o exercício foi fluindo. Então, começamos a dividi-los em duplas, onde um tinha que ler para o outro, depois em trios, e depois começamos a trocar as pessoas de grupos, para que todos pudessem ouvir o que cada colega tinha de material. Até que no fim, fizemos uma roda com todos, e eles tinham que ir alternando a leitura. Uma pessoa lia uma frase e outro já logo lia uma sua em sequência, sem pausas, sempre ligando um ao outro. Foi muito interessante esse momento, pois começaram a brincar com modulações vocais, fazendo vozes mais graves ou agudas, falavam alto ou cochichando e conseguiram conectar bem os textos. Finalizamos e partimos para a instrução do último exercício, que era o “coração” da nossa aula. Como queríamos levantar cenas para construir a dramaturgia do nosso curta-metragem, pedimos então para que a partir da partilha

dos materiais que eles trouxeram, eles se dividiram em dois grupos, com aqueles que sentiam que os textos ou letras de músicas tinham mais semelhanças de assunto abordado, e criassem então uma cena de cinco minutos, baseada nos materiais de todos do grupo e colocando um trecho desses textos nas falas. Então se dividiram:

GRUPO 1: Patrícia, Jéssica, Vivi e Bia.

GRUPO 2: Bianca, Pedro, Diogo, Nicholas e Marcos Vinícius.

Combinamos trinta minutos para os grupos se reunirem, montar a estrutura da cena, ensaiarem, pensarem em elementos que podiam colocar, objetos, trilha sonora etc. Então, assim fizeram. Uma coisa que achei muito legal de primeira, foi que do jeito que dividiram os grupos quando estávamos em roda, eles continuaram; fizeram duas rodas menores, uma do lado da outra, não se distanciaram para criar, eles nem estavam ouvindo o grupo do lado, estavam tão focados no grupo deles e na cena, que nem perceberam que estavam tão perto um do outro. Eu e Paulo passamos nos dois grupos, ouvindo as ideias de cada e ajudando quando tínhamos algo para acrescentar. Nos momentos em que escutamos eles, conseguimos perceber algumas semelhanças, e as ideias que eles propunham já geraram algumas ideias para o curta. Eu e Paulo até nos distanciámos uma hora e fomos conversar e anotar o que tínhamos pensado.

Decidimos expandir o tempo, pois percebemos que eles estavam bem imersos naquilo e precisavam de mais alguns minutos para finalizar. Desse modo, após 50 minutos de criação, começamos as apresentações.

O primeiro grupo montou um cenário com cadeiras e um caixote e me pediu para colocar um som ao fundo. Toda a junção de elementos era para representar que estavam em uma estação de metrô. Deram início à cena:

Figura 18: Cena feita no exercício – Grupo 1



Fonte: Autoria própria

Em uma estação de metrô, trabalhava Dona Ana e há anos estava ali naquele lugar, observando muitas pessoas que ali passavam, várias histórias, a vida acontecendo a todo momento. Vem então um jovem, correndo, pois ele perdeu o metrô que precisava para chegar na rodoviária, para pegar o ônibus para viajar para São Paulo. Estava de mudança, ia começar algo novo na sua vida, indo atrás dos seus sonhos, mas com medos e inseguranças. Chegou falando com Dona Ana, e ela avisa que o metrô tinha acabado de passar e que ele precisaria comprar o bilhete para o próximo metrô, ele então se senta ali, conta sobre essa nova fase da vida e desesperado se ia dar certo ou não, ela o aconselha. Ele se acalma mais, o metrô chega e ele vai embora.

Depois, chega ali uma jovem, com um bebê de colo, Dona Ana a conhece, pergunta como está a vida, fala como ela cresceu, ficou surpresa em saber que ela já tem um filho. Conversam um pouco e a jovem já vai pegar seu metrô. Por fim, chega ali uma senhora de quase 100 anos, Dona Ana já a conhece, cumprimenta ela, ajuda a passar a catraca, a senhora então senta-se ali ao lado e elas conversam um pouco; a senhorinha fala sobre as dores que sente agora nessa idade e como a vida passa rápido. A senhora também conhecia a jovem que passou por último com um bebê, e então comentam sobre aquilo. Dona Ana conta para ela também do jovem que passou mais cedo, que estava começando a ir atrás dos seus sonhos. Então elas conversam muito sobre esse tempo da vida, essas passagens, essas fases e como são importantes, como sentem saudades do passado delas.

Depois disso, a senhora ainda brinca que já tem que ir, no caso pegar o metrô, e também para o “mundo de lá”, pois já está quase morrendo. Elas se despedem, a senhora sai e Dona Ana

ainda diz “Mande notícias do mundo de lá” e acaba ali sozinha refletindo sobre as histórias que passam por ali. Enquanto ela está ali, parada, observando esse vai e vem, esse ir e vir, esse sair e voltar, essas várias vidas e várias histórias, acaba cantando um trecho da música *Encontros e Despedidas*, e assim finaliza-se a cena.

Mande notícias do mundo de lá

Diz quem fica

Me dê um abraço, venha me apertar

Tô chegando

Começa a apresentação do outro grupo, eles pediram para usar os mesmos objetos em cena, mas que o caixote agora seria um balcão de um mercadinho. Pediram-me para colocar uma música para iniciar a cena: “A Banda”, de Chico Buarque. A proposta era colocar para tocar só o último trecho, para que quando a música finalizasse, eles iniciassem o diálogo, então assim fizemos. O trecho da música tocou, iniciaram uma movimentação e depois já iniciaram o diálogo.

Figura 19: Cena feita no exercício – Grupo 2



Fonte: Autoria própria

Uma banda tinha acabado de passar pelas ruas da cidade apresentando músicas para todos. O dono do mercadinho viu e ficou muito feliz. Começa, então, a chegar clientes no seu estabelecimento, e para cada um que chega ele pergunta se viu a banda passando e o que eles

acharam. O primeiro foi um jovem filosófico, que refletiu um pouco sobre aquele movimento artístico, depois chegou um senhor de idade, reclamando muito sobre o som da banda, falando que foi uma barulheira, que os artistas de hoje em dia estão perdidos e etc. Ele acaba de falar, compra uma coisa e vai embora, depois chega uma jovem, que era a sobrinha do dono do mercadinho, toda animada, comentando sobre a banda e como sonha em ser artista. Ela foi pedir para os integrantes da banda para trabalhar com eles e eles aceitaram, ela iria trabalhar como vocalista. O tio dá os parabéns, ela compra uma mercadoria e vai embora. Por último, chega um dos artistas da banda, superfeliz e enérgico, comentando sobre como foi boa aquela apresentação, a sensação e o retorno que tiveram. O dono o parabeniza e comenta com ele que está muito feliz de sua sobrinha ir trabalhar com a banda que ele faz parte, eles conversam mais um pouco, o artista compra então um chocolate e vai embora. A cada uma dessas pessoas que passavam pelo estabelecimento e de suas conversas sobre a banca, o dono fazia um comentário sobre aquilo e, no fim da cena, ele acaba refletindo sobre tudo que ele ouviu no dia. Por fim, fecha seu estabelecimento.

Essas foram as duas cenas criadas na aula. Depois de apresentadas, sentamo-nos em roda e então fomos conversar sobre elas, o que eles acharam, como foi o processo de criação para eles etc. A primeira percepção e a que logo comentaram foi que as duas cenas tinham um personagem que estava fixo no ambiente, a senhora do guichê da estação de metrô e o dono da mercearia, e que esses personagens se ligavam a todos os outros daquela história, que eles chamaram de “Histórias flutuantes”. Outro ponto que citaram e que pra mim foi mais uma vez muito marcante e surpreendente, foi que, como pedimos para que a cena partisse dos materiais teóricos que eles tinham levado, as duas cenas foram criadas a partir de uma música: a primeira cena baseada em “Encontros e Despedidas”, de Maria Rita e a segunda cena em “A Banda”, de Chico Buarque. Aquele momento de percepção me deixou maravilhada mais uma vez, por visualizar que espontaneamente a música está tendo um papel muito importante na nossa oficina, se ligando muito com o que eu tinha como objetivo de abordar na minha pesquisa, de como ela é capaz de ser utilizada para construção de uma dramaturgia, de um personagem e para a criação de uma atmosfera da história que está sendo contada. Para melhorar ainda mais, as músicas que foram escolhidas são MPB, que é o gênero musical mais presente na minha vida e que mais amo cantar.

“Encontros e despedidas” foi uma música que eu levei como material nessa aula, pois citei na aula anterior, ligado com a experiência que tive na deriva, onde falei que uma das coisas que mais percebi nessa prática foi esse fato de a vida ter muitos desses encontros e despedidas

de histórias, as idas e voltas, o começo e o fim, o ponto de partida e o ponto de chegada etc. Não imaginava que essa música estaria envolvida em alguma cena, até porque esse era um material extra, caso alguém esquecesse de levar uma música, e como a turma toda tinha levado, achei que a minha não seria usada. Entretanto, Jéssica, uma das alunas, levou uma música em inglês e no meio do exercício de leitura em coletivo, que fizemos antes da criação de cena, ela decidiu trocar de referência, para que todos pudessem entender o que ela estava dizendo. Portanto, ela foi até os registros que eu e Paulo levamos e escolheu essa música.

Fiquei muito feliz com a escolha, e porque o grupo citou algo que eu também tinha percebido e tinha até compartilhado com eles, sobre essa música remeter também à estação de ônibus que tinha ao lado da praça que iniciamos a deriva. O som dela foi algo que até citei na minha escrita automática e eles trouxeram isso para a primeira cena, pois quiseram retratar que ali, em uma simples estação de metrô, cruzam-se muitas histórias, vidas diversas, pessoas diversas, em momentos diversos e com sensações diversas. Retratarem as fases da vida: a infância, a juventude e a velhice, pontuando a importância de viver intensamente, sabendo valorizar e aproveitar cada momento, e o que me chamou muito a atenção, também, foi como demonstraram a importância dos nossos antepassados, como os mais velhos ensinam a nós jovens coisas valiosas e que devemos carregar para sempre em nossas vidas.

Na segunda cena, que foi baseada na música “Banda”, de Chico Buarque, Marcos Vinícius, o aluno que interpretou o dono do mercadinho, compartilhou que trouxe sua própria experiência de trabalho para a cena. Disse que às vezes a pessoa chega, conta algo de sua vida, comenta sobre um acontecimento, desabafa por poucos minutos, depois compra algo, vai embora, e ele fica ali com aquelas informações na cabeça, pensando o que pode acontecer depois, se vai dar certo o que a pessoa queria, ou se aquela briga de família se resolveu etc. Entretanto, talvez ele nunca vá saber, porque talvez nunca mais veja aquela pessoa. E é assim, histórias passam por ali e aquilo faz com que ele reflita sobre a diversidade de opiniões, como aconteceu na cena, onde todos que passaram compartilharam suas impressões a respeito da banda ter estado na cidade, o que aquilo causou em cada um, fazendo com que ele refletisse sobre sua própria opinião, que era ter gostado da banda.

Na roda, todos os alunos da oficina e eu e o Paulo comentamos sobre essas conexões nas cenas, que é esse entrelaçar de diversas histórias, seja como passagem da vida, mostrando cada um em uma fase, seja como a multiplicidade de sensações e opiniões a partir de um mesmo acontecimento. No fim, depois de toda a conversa, estávamos muito felizes com o que tinha acontecido naquele encontro, depois do choque na última aula, a necessidade de alterações nos

nossos planejamentos, ali naquele momento respiramos mais aliviados, pois o nosso objetivo daquela aula, que era o levantamento de cenas para conseguirmos ideias para dramaturgia do curta-metragem, foi atingido de forma especial. Eu e Paulo já saímos dali com alguns direcionamentos, como personagens que sejam narradores e passem por vários lugares, vivenciando diversas coisas, talvez até as mesmas coisas, mas que no fim se cruzam de alguma forma. Surgiram algumas ideias de perfis de personagens e temáticas que poderiam ser abordadas: como um personagem que fala de sua avó, sobre os ensinamentos. No fim eu e Paulo finalizamos essa aula muito felizes e confiantes.

Para finalizar, pedi para que cada um falasse uma palavra que definia esse encontro para eles.

<i>ÔNIBUS</i>	<i>CALOR</i>	<i>SINTONIA</i>	<i>BOM CANSAÇO</i>	<i>TEMPO</i>	<i>CICLO</i>
<i>CONEXÃO</i>	<i>MEMÓRIA</i>	<i>PASSAGEM</i>	<i>CORRERIA</i>	<i>COÊSO</i>	<i>VICERAL</i>

Esse dia não acabou por aqui. Após essa aula, ocorreu o encontro com o Gabriel, que citei no início deste trabalho, que também estuda sobre a técnica de Meisner e se disponibilizou a guiar um exercício entre mim e Paulo, para ambos entendermos o método na prática, pois eu queria muito abordar esse exercício com os alunos do COMUFU.

Então, iniciamos. Gabriel propôs que fizéssemos um exercício individual para estimular a fala a partir dos impulsos, verbalizando o que realmente estávamos sentindo. Esse exercício não é da Técnica de Meisner, mas ele aprendeu em um curso que está fazendo com a preparadora de atores Thaís Mansano¹⁸, que estuda diversas fontes, sendo uma delas o Sanford Meisner. Ele ajuda na preparação para o exercício de repetição, é um exercício do Eric Morris¹⁹, do livro “No acting please”. É um exercício básico, onde ficamos no mínimo cinco minutos dizendo no fluxo do pensamento, usando as seguintes frases: “Eu sou; eu quero; eu sinto; eu preciso”; pode falar as quatro frases ou escolher apenas uma. Então começou comigo: senteime em uma cadeira na frente deles e escolhi apenas a frase “Eu sinto” e iniciei. No começo eu me sentia tão acelerada, pois eu tinha acabado de sair da aula e estava tão feliz com tudo que tinha acontecido naquele dia, que fui falando em um fluxo muito rápido, mas foi tão verdadeiro... eu falava tudo o que estava realmente sentindo: “eu sinto muita felicidade, eu sinto

¹⁸ Thaís Mansano é uma preparadora e professora de atuação no Brasil, graduada em Artes Cênicas e pós-graduada em Educação Positiva. Possui sólidas experiências em produções nacionais e internacionais de cinema e televisão.

¹⁹ Eric Morris é um ator, professor de atuação e autor americano que desenvolveu sua própria teoria de atuação com base nas obras de Lee Strasberg e Martin Landau.

que estou confiante, eu sinto que deu certo, eu sinto segurança, eu sinto alívio, eu sinto tranquilidade”, até que eu senti muita vontade de chorar de felicidade mesmo, eu cheguei até a falar: “eu sinto que quero chorar” e comecei a chorar. Logo segurei, pois meu lado racional foi “ativado” e pensei que não queria que eles me vissem chorar. Foi quando sorri para sair daquilo e continuei com “eu sinto que estou bem, eu sinto tranquilidade...” e continuei. Depois de alguns minutos, parece que eu já tinha falado tudo o que eu estava sentindo, então começo a travar, e Gabriel propõe que eu verbalize e faça a pergunta “o que eu estou sentindo?”. É quando começo a desacelerar do ritmo que eu estava e percebo que sinto fome, então falo: “sinto que estou com calor”. Lembro-me que falei também que sentia que queria dar um abraço na minha mãe e contar para ela o que aconteceu na aula naquele dia, foi quando me reconectei de novo e o choro veio novamente. Então, dessa vez, deixei que ele saísse todo, continuei então nesse fluxo de fala, às vezes com algumas pausas, mas bem poucas, até que terminaram os cinco minutos. Quando acabei, eu me sentia muito aliviada, foi uma sensação muito boa verbalizar o que eu estava sentindo, ainda mais que eram coisas boas, porque a aula do COMUFU me trouxe um respiro tranquilo depois de tantas inseguranças.

Chegou a vez de Paulo. Para ele foi mais difícil aquele exercício. Ele escolheu a frase “Eu sinto” também e começou, mas logo teve momentos de longas pausas, onde parava para pensar, e então racionalizava, não conseguia se permitir dizer o que estava sentindo. Gabriel foi ajudando, falando algumas frases para ativar a fala dele. Paulo depois relatou que para ele já é difícil falar o que sente, então o exercício foi desafiador. Por fim, fizemos então o exercício de repetição, eu e Paulo, um de frente para o outro, fechamos os olhos, Gabriel pediu para fazermos uma conta de cabeça e então enquanto estávamos fazendo, ele pedia para abrir os olhos e eu comecei o exercício. Como explicado anteriormente, o exercício de repetição tem vários níveis. Primeiro começa falando apenas uma partícula a partir da observação dos aspectos físicos, o que observamos no outro, como a cor da camisa, se está usando óculos etc. Depois, de acordo com a evolução, chegamos na etapa onde atingimos o principal objetivo do jogo, que é a observação do comportamento do outro e como aquilo me afeta.

Nesse dia, fizemos direto o de observação do comportamento, e então comecei com a frase “Você está sorridente”. Ele repetiu “Eu estou sorridente”, com esse aspecto que observei logo de cara, continuamos essa repetição algumas vezes e depois já mudei para “Você está com dúvida”, e ele repetiu “Eu estou com dúvida”. Quando observei bem os olhos dele, consegui entender que ele estava confuso, ainda tentando entender a dinâmica do jogo, por isso senti e falei isso. O exercício foi continuando, Gabriel pedia para que ativássemos o corpo, deixando

livre para que se algum impulso gerasse algum movimento. Quando necessário, ele estimulava com algumas perguntas, como: “O que você sentiu com isso Tati/Paulo?”, “Isso te causou alguma sensação?” etc. Por ter sido nossa primeira vez fazendo o exercício, eu achei muito proveitoso, conseguimos entender a dinâmica do jogo e realmente vivenciar aquele momento de escutar o outro com atenção e estar presente no momento.

Agora chegava a hora de planejar a forma de levar esse exercício para o COMUFU e como eu iria explicar para os alunos sobre a Técnica. Eu já me sentia mais segura por já ter experimentado a dinâmica, mas o frio na barriga ainda estava presente, pois como eu estava aprendendo algo novo e ainda queria compartilhar com mais pessoas, aquilo me causava medo de não conseguir. Felizmente nas minhas aulas de estágio nas quintas-feiras, tínhamos que conduzir um encontro durante o semestre, com os próprios parceiros de disciplina, para que pudéssemos aproveitar esse espaço para colocar em prática o que queríamos levar para as oficinas. Portanto quando eu e Paulo conduzimos esse encontro, um dos exercícios que abordamos, foi o exercício de repetição, era uma maneira de treinar ainda mais como eu iria explicar para os alunos da oficina. Primeiramente falei sobre a trajetória de Sanford Meisner, depois sobre a técnica, chegando até o exercício. Pensando no tempo curto que seria destinado a essa prática na oficina, separei as duplas, pedi para que espalhassem pela sala, e todos fariam ao mesmo tempo, enquanto eu e Paulo iríamos passando por eles e orientando caso necessário.

Começaram a fazer o exercício, a repetição foi fluindo, mas logo surgiram dúvidas, então eu não conseguia prestar atenção em todos, já percebendo que a dinâmica de fazer todas as duplas ao mesmo tempo não funcionaria, isso precisaria ser ajustado. Finalizamos o exercício e em roda de conversa o professor e nossos parceiros de turma, nos aconselharam sobre algumas mudanças que poderiam ser feitas na hora da explicação sobre o exercício, e sem dúvidas, aquele retorno foi fundamental para a melhora da orientação que eu iria passar para os alunos. Portanto depois das leituras, videoaulas de explicação, a experimentação com a turma de estágio, muitas anotações e ajustes, fiz um resumo, escrito, em uma folha sulfite, ensaiei na frente do espelho, explicando para mim mesma diversas vezes e então chegou o dia.

Quinto Encontro

Pela primeira vez expliquei sobre a Técnica de Meisner para mais pessoas além do Paulo. Esse encontro martelava na minha cabeça dia e noite, me causando uma certa ansiedade, e ainda nessa semana até fiquei doente. A fraqueza me abalou um pouco, pois aquele era o dia em que eu esperava estar totalmente segura para que tudo desse certo. Confesso que quando

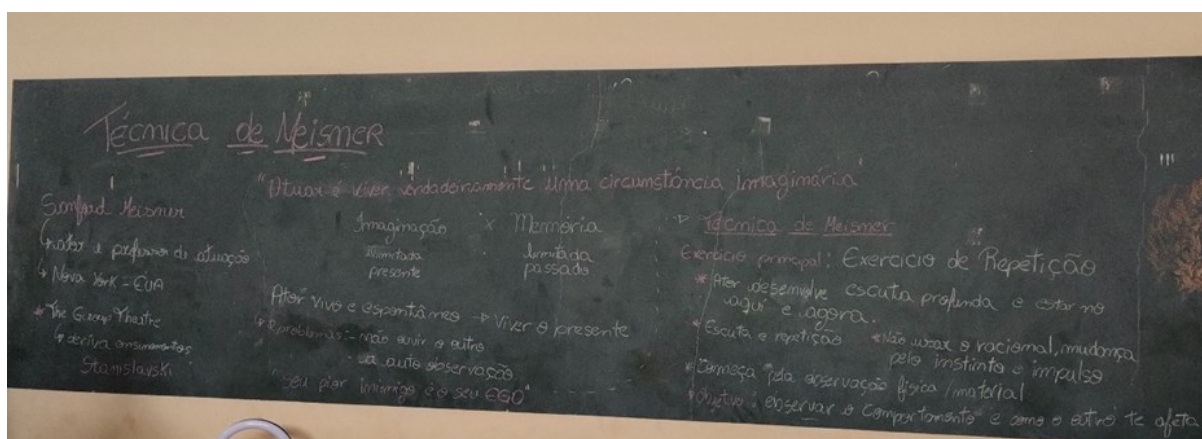
fomos montar o plano de aula, pensei em desistir de abordar a técnica na oficina, pelo receio em relação ao conhecimento que eu tinha e se realmente poderia agregar para o desenvolvimento artístico dos alunos, já que devido ao tempo, não havia conseguido realizar nenhum curso de aprofundamento, mas somente estudos por leituras, vídeos na internet e as vezes que pratiquei com o Gabriel. Felizmente não desisti, entendi que compartilhando o que eu já sabia seria de bom proveito para eles. Naquela sexta-feira cheguei uma hora antes da aula, entrei para a sala, fechei a porta, coloquei minha *playlist* de MPB, respirei fundo, olhei nos meus olhos naquele espelho enorme da sala e disse a mim mesma que eu iria conseguir. Peguei o resumo que tinha elaborado, o giz, fui direto para a lousa e escrevi os aspectos mais importantes que não poderia deixar de explicar.

Figura 20: Eu fazendo anotações na lousa para a explicação



Fonte: Autoria própria

Figura 21: Lousa com explicação da Técnica de Meisner



Fonte: Autoria própria

Acabei de preparar esse conteúdo no quadro e o pessoal da oficina foi chegando. Assim que todos chegaram, pedimos para que eles se sentassem na frente da lousa e comecei a explicação. Queria ter gravado para conseguir relatar aqui com detalhes essa explicação, mas esqueci, só tive registros de foto do momento.

Figura 22: Explicando brevemente sobre a Técnica de Meisner para os alunos do COMUFU



Fonte: Paulo Vítor Delmindo

Iniciei a explicação falando brevemente sobre quem foi Sanford Meisner, sua trajetória, relatei sobre o The Group Theatre, o porquê ele saiu dele e quais foram seus trabalhos posteriormente. Chegando, então, na parte do surgimento da técnica, a partir das suas percepções de problemas que impedem os atores de serem verdadeiros em cena, que são os que já citei anteriormente no tópico “Descobrir da Técnica de Meisner”:

- A falta da escuta ativa e verdadeira.
- Auto-observação na maior parte do tempo.

A partir disso, expliquei mais detalhadamente suas ideias, que diziam que quando estamos em cena temos mania de nos preocupar se estamos fazendo o belo, se estamos fazendo certo, atentos na deixa que o texto nos dá para entrar em cena. Portanto, ficamos mais atentos na dinâmica e em aspectos externos do que nos momentos; nos falta estar verdadeiramente e totalmente presentes no jogo. Citei suas frases: “Seu pior inimigo, é o seu ego” e “Atuar é viver verdadeiramente uma circunstância imaginária”. Compartilhei a estrutura de sequência de exercícios que ele desenvolveu para que o ator treine a atenção, dando ênfase para o exercício de repetição, já que íamos praticá-lo na aula. Após essa explicação, o retorno dos alunos foi muito positivo, disseram que conseguiram entender bem e que estavam curiosos para realizar o exercício. Aquelas palavras me trouxeram um aconchego, uma tranquilidade de ter explicado de maneira dinâmica e que eles conseguiram compreender, me dando ainda mais ânimo para partir para a prática.

Então, antes de começarmos o exercício, para dar uma aquecida no corpo, Paulo conduziu o jogo do Jacadí, que já expliquei anteriormente. Fizemos ele por alguns minutos, com muitas variações, e assim que percebemos que o pessoal já tinha aquecido demos início ao exercício de repetição. Eu já tinha separado as duplas de acordo com o exercício de criação de cena, que aconteceria na próxima parte da aula, pensando então nas pessoas que iam se relacionar em cena.

Após a experiência na aula de estágio, onde percebi que seria necessário fazer uma dupla por vez, para que a turma, eu e Paulo pudéssemos estar atentos aquela prática, orientei que sentássemos na sala como palco e plateia, chamei a primeira dupla, e em todas as duplas eu fazia o mesmo processo para começar. Pedia para fecharem os olhos e calcularem uma conta mentalmente, como o Gabriel fez comigo e com o Paulo, pois assim a atenção é voltada para aquela ação, fazendo com que não planejem o que irão falar ao abrirem os olhos e digam apenas o que vier a partir do impulso. Resolvi fazer com eles o exercício de repetição um pouco mais

elaborado, de uma forma que assisti em uma videoaula da preparadora de elenco Fernanda Martínez²⁰, no qual a repetição é baseada em algo do comportamento daquela pessoa que você está observando, como “Você está feliz”. Então, a outra pessoa repete “Eu estou feliz”, e assim por diante. Durante o exercício eles iam alternando observações físicas e comportamentais na repetição, mas eu não quis intervir e pedir só observações comportamentais, porque como era a primeira vez deles praticando o exercício, vi que a observação física estava colaborando para que eles se permitissem no decorrer do exercício citar frases sobre o comportamento e também porque a mudança de frase deve vir de forma espontânea, do instinto. Então, iniciamos a prática.

Luiza e Bianca

Por ter sido a primeira dupla, precisei intervir mais vezes, pois tinham dúvidas ainda de como fazer. Pedi para Luiza começar. Abriam os olhos, Luiza disse a frase “sua boca está rosa” e Bianca logo respondeu “E a sua boca não está rosa”, ou seja, ela não repetiu, mas deu uma resposta para Luiza, usando o mesmo aspecto observado. Então, parei e expliquei que tinha que repetir a frase que ela tinha falado e não responder falando do mesmo aspecto. Continuaram, algumas vezes sentia que não estavam se escutando, então eu dizia algumas frases para focarem, como: “Escuta atentamente o que o outro está dizendo”. Ainda tiveram algumas dificuldades, mas quando estava finalizando o tempo do exercício, a Luiza elogiou a Bianca, não me lembro com que frase exatamente, mas Bianca ficou tímida. Foi muito espontâneo esse momento, porque logo a timidez tomou conta do seu corpo, trazendo gestos e ela começou a ficar com as bochechas vermelhas e esfregar as mãos sem parar. Ela nem percebeu que estava fazendo esse movimento, não foi um movimento pensado, então finalizaram o exercício muito bem, atingindo o objetivo da escuta ativa e de como o que é dito reverbera em si mesmo.

Lucas e Nicolas

Eles começaram um pouco travados, mas logo foram entendendo o exercício. Um falava e o outro repetia. Consegui perceber que estavam se ouvindo, o corpo foi se soltando e ficando cada vez mais presente, surgindo mais gestos com os braços. Nas repetições falaram muito de como estavam se sentindo em relação ao exercício: “Eu estou compreendendo agora”, “Estou seguro com o exercício”. Foram ficando mais espontâneos e vieram risadas, depois começaram a pensar um pouco, aumentando pausas entre as falas e depois começaram a falar sobre coisas

²⁰ Fernanda Martínez é preparadora de elenco brasileira que utiliza a Técnica Meisner, tem formação acadêmica na Universidade Federal da Paraíba e em New York Tisch Asia.

do passado. Então, pedi para eles retornassem a falar sobre o presente, o momento. Eles o fizeram, mas em seguida tiveram seu tempo finalizado.

Diogo e Pedro

Os dois começaram mais travados, os pés bem fixos no chão, sem movimentos corporais. Começaram fazendo a repetição, mas um pouco depois, um deles começa a fazer perguntas. Então, orientei sobre continuar repetindo, mas como afirmação e não fazendo perguntas, então retomaram e falaram o que o exercício estava causando: “Eu me sinto monótono”, “Você está confiante”, “Você está muito concentrado”. O corpo começou a se soltar mais, “eu estou exausto”, “eu estou incomodado”, “minha presença te incomoda”, “sua presença não me incomoda”, “o exercício me incomoda”, nessa última frase a espontaneidade foi bem perceptível, tanto que até o corpo e a respiração vieram junto, demonstrando o que ele estava sentindo.

Beatriz e Vivi

Antes dei mais algumas instruções, sobre não fazer perguntas e sim afirmações. Citei um exemplo que ocorreu quando apliquei esse exercício na minha turma de estágio, que começaram a criar cena, onde um deles estava vendo que a outra pessoa estava de rabo de cavalo, mas ao invés de só afirmar, ela ficou perguntando: “você está de rabo de cavalo?”, “eu estou de rabo de cavalo, será?”. Esse não é o intuito do jogo, o intuito é falar o que está vendo e sentindo, de forma espontânea. Então, depois de alertar isso, eles fecharam os olhos, fiz o mesmo exercício de eles resolverem uma conta mentalmente e depois começamos. Pedi para o Vivi iniciar e ele falou que achou o delineado dela bonito, logo ela já reagiu envergonhada e afirmando: “Ah! Você achou meu delineado bonito”. Repetiram um tempo, o corpo já foi entregando gestos de vergonha, os dois esfregando as mãos e contorcendo na frente do corpo, um riso solto e que ia deixando as bochechas rosadas, então Vivi foi ficando ansioso e logo a Bea já percebeu e disse: “Você está ansioso”. Ele repetiu afirmando, os gestos continuaram presentes, “Eu estou ficando mais ansioso”, e depois já mudaram de assunto. Ele falou que gostou dos óculos dela e depois ela falou que gostou do cabelo dele, até que ele disse que os olhos dela eram bonitos e ela ficou bem envergonhada e colocou a mão no rosto. Então, ela deu uma travada e pedi para ela dizer o que ela tinha sentido com aquela afirmação e aí ela disse “Ai! Eu fiquei com vergonha”, “você ficou com vergonha”, e assim continuaram. Foram surgindo outras afirmações e foi muito bom porque eles permitiram o corpo responder ao que eles estavam sentindo também. Foram se soltando, mas começaram a querer fazer cena, então

eu e Paulo alertamos. Se reconectaram novamente, mas logo começaram a afirmar coisas de assuntos externos, sobre personagens de filmes e se desconectaram totalmente do exercício e de estarem presentes, de observar o outro. Então Paulo alertou mais uma vez, eles retornaram, mas o tempo acabou.

Giovana e Marcos

“Você terminou a conta”. Marcos começou afirmando isso e ela já retornou falando que não tinha terminado a conta. Depois ele continuou dizendo algumas frases que consegui perceber que estava racionando para falar. Ele colocava a mão no queixo, formulava a frase e falava. Logo, começaram a prestar mais atenção no outro e a falar sobre alguma característica física que estavam vendo, sobre cor de olhos e cabelo, e então mantinham naquela repetição, mas por muito pouco tempo, e logo já alteravam a frase. Fui percebendo que não estava conseguindo manter a repetição, havia sempre uma pressa para mudar, um pouco agoniados. Às vezes realizavam as repetições na maioria das vezes com afirmações meio interrogativas e percebi que Marcos não estava ouvindo atentamente Gi, pois dizia algumas frases meio jogadas. Então precisei intervir e orientar para que melhorassem o desenvolvimento do exercício. Foram fluindo, mas logo seu tempo terminou.

Por último, o pessoal da turma falou que gostaria de ver eu e o Paulo fazendo o exercício, então aceitamos a proposta e fomos fazer. Um dos nossos alunos guiou nós dois com a conta inicial e depois disse para o Paulo iniciar. Ele olhou bem pra mim e disse “Você está feliz”, então já repeti soltando um sorriso “Eu estou feliz”. Assim continuamos e ele disse que eu estava sorrindo com os olhos, porque realmente naquele dia meu sorriso estava tampado com a máscara por estar doente, mas gostei porque meus olhos estavam conseguindo transmitir o que eu realmente estava sentindo. Realizar a prática daquele exercício com os alunos da oficina estava sendo muito importante para mim, estava muito insegura e nervosa se eu iria conseguir explicar corretamente o exercício e guiar os alunos, mas no fim deu tudo certo. Então, naquele momento, depois de ter assistido a todos fazerem, eu sentia alívio e felicidade. É claro que ainda tenho MUITO a aprender sobre a técnica e espero fazer um curso voltado para ela, mas sou grata que a partir das minhas leituras e pesquisas, já consegui ter uma ideia de como aplicar na prática, foi apenas um experimento para mergulhar um pouco do universo de Sanford Meisner.

Figura 23: Prática Exercício de repetição



Fonte: Autoria própria

Após a prática desse exercício, nos sentamos em roda e eu e Paulo explicamos para eles que tínhamos separado perfis de personagens para cada um, baseados no levantamento das cenas que tivemos nas últimas aulas, e que possivelmente seriam os da dramaturgia do curta ou que teriam algumas semelhanças. Após falar algumas características de cada, separamos em grupos e combinamos 30 minutos para que eles criassem as histórias de seus respectivos personagens e estruturassem uma cena que deveria se passar em três momentos. Cada momento deveria ser pensado para assistirmos por um enquadramento diferente, através da câmera do celular. Os grupos foram separados da seguinte maneira:

GRUPO 1

BEATRIZ (15 anos) - Filha da Patrícia, uma jovem que já sabe o que quer da vida, determinada.

PATRÍCIA (35 anos) - Ponto de apoio para o Vivi no trabalho; Mulher segura. (*Faltou no dia, mas Beatriz e Vivi criaram uma cena, mencionando-a*).

VIVI (18 anos) - Trabalha com a Patrícia, crise existencial da juventude.

GRUPO 2

BIANCA (30 anos) - Bailarina clássica de circo; uma mulher sonhadora.

LUIZA - Artista de circo. É uma pessoa que ama dar conselhos, ajudar as pessoas.

PEDRO (26 anos) - Filósofa muito sobre a vida; *Workaholic*; crise existencial e do trabalho.

GRUPO 3

JÉSSICA (27 anos) - Irmã do Lucas e do Nicholas. Relação com uma avó conselheira e que lhe deu sempre muito apoio (*Mas tivemos que alterar no dia essa personagem, porque essa aluna precisou sair da oficina, então colocamos como se a Patrícia fosse irmã deles*).

LUCAS - Irmão da Patrícia e do Nicholas, tem sua própria visão sobre a avó. Um homem que passa um ar poético, romântico, enxerga o mundo de outras formas.

NICHOLAS (17 anos) - Tem uma visão diferente da avó.

GRUPO 4

MARCOS (24 anos) - Funcionário de uma cafeteria.

DIOGO (40 anos) - Artista em situação de rua; Errante.

GEOVANA (20 anos) - Jovem, militante, consciente.

Iniciaram a criação. Primeiramente, cada grupo ficou um tempo desenvolvendo a dramaturgia da cena e depois foram ensaiar e decidir o cenário e os enquadramentos. Disponibilizamos um material em PDF sobre os tipos de planos utilizados no cinema, como um material de apoio e levamos tripés para celulares e eles revezavam entre os grupos para as experimentações, até decidirem os três quadros definitivos. Finalizou o tempo e os grupos se prepararam para apresentar.

Começamos com o Grupo 2 (Luiza, Pedro e Bianca). Realizaram uma cena em que um dos personagens estava muito esgotado do trabalho, sendo muito cobrado, não tinha tempo para descanso, e em um momento muito estressado, andando pela rua falando no telefone, encontra uma moça por acaso que o orienta a ter momentos de lazer e de descanso. Assim que ela fala, vai embora, e ele reflete sobre aquilo e decide ir ao circo que viu que está na cidade. Chegando lá, ele vê uma bailarina aquecendo e chorando, ela explica que aquele é seu último dia trabalhando no circo, e que ela vai abrir uma escola de balé, mas precisa de um empréstimo no banco para conseguir fazer isso e infelizmente o banco não está liberando. Chega a hora dela entrar no picadeiro, ele assiste a toda apresentação, fica muito emocionado com tudo e para

finalizar a cena, ele fala para a bailarina que vai ajudá-la a conseguir o dinheiro para a escola. Quando acabou, ficamos muito felizes com o que desenvolveram na cena e pelas transições dos enquadramentos. Infelizmente, ficou um pouco difícil todo mundo da turma visualizar a partir do celular, porque a tela é pequena, mas já deu para ter uma noção dos planos e o que cada um nos mostrava.

O segundo grupo a apresentar foi a junção do elenco do Grupo 1 e do Grupo 3. Primeiro a cena se passava em um escritório, onde Beatriz foi encontrar a mãe Patrícia no trabalho, e enquanto esperava ela finalizar, foi conversar com o Vivi, que trabalha lá. Falaram sobre futuro, vida adulta, escolhas e acabou sendo um diálogo engraçado e leve. Depois disso, já ia para outro enquadramento, onde já estava em uma casa e os dois irmãos, Lucas e Pedro falavam sobre os cuidados com a avó e a relação deles com ela. Citavam Patrícia também, que ela trabalhava muito, não conseguia ajudar, e Pedro não tinha uma relação tão boa com sua avó, então não fazia muito esforço para colaborar. A cena finaliza com Lucas preocupado com essa situação.

Por fim, o Grupo 4 se apresentou. Giovanna precisou sair mais cedo, mas ajudou a conceber o roteiro da cena antes. Iniciava com o artista errante, que vivia em situação de rua, acordando ao lado de seu cachorro, que representaram com uma das bolas de pilates que tinha na sala. Mostraram ele fazendo carinho em seu cachorro e depois alterava o enquadramento. Ele estava tentando se apresentar para a personagem de Giovanna, que não aparecia no quadro da cena por não estar ali no momento. Ela não dá muita atenção a ele; ela era uma jovem militante e blogueira, que passa por ali a caminho da cafeteria. Depois, mudava o enquadramento, onde o funcionário da cafeteria está fazendo um atendimento e o artista chega no estabelecimento. O funcionário não o aceita muito bem ali e fala que ele precisa arrumar um emprego “decente”. Finalizando, o funcionário expulsa o artista e seu cachorro dali.

Finaliza-se mais um encontro, os alunos deram um retorno satisfatório, que tinham gostado dos exercícios propostos naquele dia. Vê-los na criação das cenas foi ótimo para entender um pouco como cada um interpretaria os personagens que já estávamos pensando para a história do curta. Na próxima semana não teríamos encontro pois era feriado, mas combinamos então que passaríamos uma atividade de casa, para que na semana que voltássemos, o roteiro estivesse pronto para ensaiarmos e depois dar início às gravações.

Assim fizemos. Como atividade, pedimos para que escrevessem um breve resumo de uma história que eles gostariam e imaginavam contar no nosso curta-metragem, levando em

consideração os elementos que foram levantados nas nossas aulas, a partir da deriva e dos nossos exercícios cênicos. Os elementos eram:

Lugares: *Estação, cafeteria, lar de idosos, escola, ruas, praça.*

Pessoas: *Idoso, sobrinha cega, pessoa em situação de rua, jovens, funcionário que lida com público, errante, artista.*

Acontecimentos: *Banda na cidade, bandeiras penduradas (patriotas), exu nas escolas, o corpo da cidade, o corpo da deriva, os corpos em deriva, observação das lixeiras, contraste entre início e fim, juventude e velhice.*

Orientamos que poderiam criar livremente, que os textos não precisavam ter ligação com as cenas criadas na sala, mas se tivesse também não seria problema. Com esse exercício queríamos que todos da oficina pudessem colaborar com o processo da escrita do roteiro. Sabíamos que seria muito difícil decidir isso com todos juntos pelo pouco tempo que tínhamos, por isso pedimos esse exercício, para que eu e Paulo pudéssemos ler todas as ideias e tentar juntar um pouco de cada uma, ou que através delas surgissem outras ideias também. O retorno que tivemos foi admirável, eles foram muito criativos e confesso que foi bem difícil escolher as coisas que iríamos manter, o que teria que retirar e infelizmente tiveram histórias que também não entraram, porque era impossível colocar tudo.

Após muitas reuniões que realizei com o Paulo e introdução de ideias nossas, fechamos o roteiro depois de uma longa ligação até às 4h do dia 04/04. Esse dia ficou marcado, pois lembro que era a madrugada do meu aniversário, e fiz a virada do ciclo de 21 para 22 anos em uma ligação escrevendo o roteiro do curta-metragem que tanto idealizei para o meu trabalho de conclusão de curso, ou seja, para o encerramento de uma das fases mais importantes da minha trajetória, que é a formação no ensino superior. Esse momento foi muito significativo, eu não conseguia acreditar que estávamos conseguindo com tão pouco tempo, foi um respiro de alívio, pois tínhamos um roteiro nas mãos depois de cinco encontros de uma oficina gratuita de teatro em uma Universidade Federal, com pessoas que se entregaram, colaboraram, compraram as ideias e se permitiram viver isso com a gente. E a partir dos próximos dias, iam acontecer outras fases desafiadoras desse projeto, que era apresentar o roteiro para os alunos, as gravações e depois a edição desse material, para a tão esperada exibição, no evento no fim do semestre onde compartilhamos o que produzimos nas oficinas, mais conhecido como Encontro.

Sexto Encontro

Já tínhamos avisado que esse seria nosso último encontro antes das gravações, onde faríamos a leitura do roteiro do curta-metragem e depois ensaiaríamos as cenas separadamente e eu e Paulo íamos fazendo os direcionamentos. Assim fizemos, todos já chegaram ansiosos para a leitura, fizemos uma roda sentados no chão, todos pegaram seus celulares e enviamos o documento naquela hora no nosso grupo. Uma das alunas não pode estar presente, mas participou através de ligação de vídeo e então fizemos a leitura.

Quando finalizamos, a reação foi muito boa e positiva, logo já pedimos os *feedbacks*, falaram o quanto ficaram surpresos com a forma que fizemos o fio condutor para a ligação das histórias e como deixamos tão presentes os elementos que atravessaram cada um de nós desde a deriva. Naquele momento, ficamos muito felizes em perceber que fizemos um ótimo trabalho em grupo e que aquele curta estava contando histórias necessárias, cheias de significados e importantes de serem compartilhadas. Então, partimos para o ensaio, todos já se separaram em seus devidos núcleos de cenas e começaram as leituras e os estudos. Eu e Paulo fomos orientando cada grupo, fazendo apontamentos das interpretações, da personalidade e das emoções de cada personagem e das relações com os outros, pensando também nas movimentações que seriam feitas. Fui relembando sobre a prática da técnica, da importância em ouvir o parceiro de cena. Passamos isso até o fim da aula e depois nos sentamos em roda também para passar o cronograma das gravações que tínhamos organizado a partir das disponibilidades de cada um. Programamos as gravações em três diárias: a sexta, que seria nosso dia de aula normal, o sábado e o domingo. Elas aconteceriam na próxima semana e depois teríamos uma semana para editar. Sobre os figurinos iríamos decidir por mensagem, porque enviar fotos seria mais fácil para escolher. Relembremos que o estudo em casa era essencial, para que eles reservassem um tempo para a memorização do texto e o estudo do personagem. Finalizamos o encontro com tudo organizado e programado e agora só faltava ajustar as últimas coisas de pré-produção e aguardar nossa primeira diária de gravações.

Na pré-produção eu e Paulo dividimos o que deveríamos fazer e organizar para levar nas gravações. Compramos alguns itens, outros pegamos das nossas casas, entramos em contato com uma única locação que precisávamos, que era a cafeteria que passamos na porta no dia da deriva e na qual muitos prestaram atenção, além de ser um local que esteve muito presente nas criações em sala. A proprietária foi super gentil e nos autorizou a filmar lá, então já organizamos um horário pós-almoço na sexta, pois estaria menos movimentada, para que não atrapalhássemos o expediente. Separamos o aparelho que íamos fazer a captação das imagens,

que seria por um celular, um iPhone que uma amiga nos emprestou. Separamos microfones que conectavam por *bluetooth*, bastões de led e já estava tudo encaminhado para começar.

Para que eu e Paulo pudéssemos ficar exercendo mais o papel de diretores e de produção também, decidimos convidar um amigo que também cursa Teatro conosco, o Vinícius Severo, para fazer a captação. Então, nos reunimos com ele para mostrar o roteiro, fazer a decupagem e foi tranquilo pois já tínhamos muitas ideias e ele também. Alinhamos essas questões e finalmente começamos as gravações.

LUZ, CÂMERA, AÇÃO... GRAVANDO

Primeira diária de gravação

Chegamos na Cafeteria, mil coisas passavam pela minha cabeça, uma ansiedade, fazia *checklist* toda hora para ver se não tinha esquecido nada, de olho no horário para conseguir seguir certo o cronograma. Fui organizando os objetos de cena, fomos já posicionando os atores em suas marcas, explicamos como seria a dinâmica em relação à câmera e depois fui fazendo os direcionamentos sobre energia da cena, frisando com eles quais eram as histórias de cada personagem, quais eram os sentimentos presentes. Por fim, Vinicius deu os últimos ajustes no enquadramento do celular, ligamos os microfones, e então era hora: “*Foi áudio, foi câmera, silêncio e GRAVANDO*”. Eu via sob meus olhos aquilo que tanto almejamos acontecendo, pela primeira vez eu no papel de diretora, por trás das câmeras... foi uma sensação surreal. Só ali, na primeira locação, gravamos por volta de seis cenas. A primeira que gravamos tivemos que fazer mais *takes* pois estávamos entendendo a questão da luz e para onde o ator direcionaria seu olhar, já que era uma cena em que ele chegava no portão e falava com algumas pessoas que estavam em uma mesa na sua diagonal, foi essa que filmamos em seguida, investindo em planos mais fechados. Depois captamos a de um diálogo entre irmãos em uma mesa da cafeteria, alternando em plano médio lateral e alguns planos fechados nos rostos. Todas essas cenas foram gravadas na parte externa da cafeteria, e depois nos deslocamos para a parte interna, onde filmamos a cenas entre o funcionário da cafeteria e uma cliente, o funcionário conversando com outros dois personagens e por fim dele encerrando o expediente e fechando a cafeteria. Conseguimos fazer dentro do tempo planejado e como tínhamos imaginado, até melhor. Tínhamos receio de atrapalhar os funcionários por estarem no meio do horário de expediente, mas foi tranquilo, eles foram gentis e nos ajudavam quando precisava.

Figura 24: Gravações no Empório Chá e Café Cafeteria



Fonte: Autoria própria

Depois, só lanchamos e já seguimos para o estacionamento da reitoria da UFU, onde seria nossa próxima gravação, que seria externa e noturna. Teve a participação de integrantes da Artilharia - Bateria das Atléticas das Artes, e ela seria a cena do fechamento do curta, que era uma celebração com todos os personagens e uma banda que passa pela cidade. Aqui conseguimos notar aquilo que citei no tópico “As linguagens do teatro e do audiovisual”, sobre as captações que são feitas fora de ordem no cinema. Nesse dia, por questão de logística para ter os figurantes, colocamos a última cena para ser filmada na primeira diária. Com isso, eu e o Paulo fomos lembrando os atores de que momento os personagens estavam vindo antes daquela cena, quais eram as sensações, o que eles estavam sentindo depois de todo o arco da história. Consegui convidar alguns amigos para fazer figuração, além dos integrantes da Artilharia, e fui entregando para os atores fitas coloridas que usariam na cena e orientando e conferindo o figurino de cada um, pois teríamos cenas de continuidade que seriam gravadas no outro dia. Esses são outros detalhes que precisam ser muito observados no cinema também, pois não se grava todas as cenas no mesmo dia, então para que nada fique diferente no outro

dia de gravação e o espectador perceba, é preciso ter muita atenção e, se possível, fazer fotos para consultar nos outros dias para não ter erro de continuidade. Gravamos a cena da celebração, o pessoal da Artilharia e os figurantes foram super parceiros, deixaram a gravação muito leve e divertida e conseguimos captar muitas imagens boas. Terminando ali, fomos para a república onde o Paulo mora e gravamos uma cena externa, na rua, com o Pedro, onde ele caminhava e sua única reação era com os olhares. Não tinha fala, então gravamos mais de um *take* e fui direcionando-o para que a expressão chegasse de forma bem espontânea, transmitindo a mensagem que deveria. Por fim, gravamos uma cena interna com a Giovanna, onde tivemos que ajustar muito a luz, por conta da sombra no rosto e nas paredes, outro detalhe que também tem que ser observado, porque a câmera consegue captar tudo isso. Marcamos também um momento em que ela fechava os olhos, pois era um marco de transição para a próxima cena, depois de todos esses ajustes, sete horas de gravação, finalizamos nosso primeiro dia de trabalho.

Segunda diária de gravação

Dia de gravações internas e a locação era a república onde Paulo morava. No cronograma, planejamos que as gravações ocorressem apenas no turno da manhã, e conseguimos realizar isso, finalizando por volta de meio-dia. Nesse dia, tivemos mais desafios com a iluminação, pois as cenas passariam como se estivesse à noite, então fomos fechando as janelas e colocando panos do lado de fora, para não entrar nenhuma fresta de luz do sol. A captação de uma cena da família na cozinha e de um jovem em seu quarto, foi tranquila, apenas fechamos as janelas e ligamos as luzes do ambiente, e alguns bastões de led com variações de cores. Na cena da cozinha e do jovem no quarto tínhamos um momento de reações faciais, sem fala, pois escutavam um baralho vindo da rua, que era o som da banda, então direcionamos todos eles para essa reação da mesma forma que fizemos na cena do Pedro na rua, gravada no dia anterior. A cena em que a família está junto com a mãe idosa, sentada e assistindo à TV na sala, foi a mais complicada, pois tínhamos a TV ligada, causando um reflexo na lente da câmera do celular e queríamos uma luz meio azulada no ambiente, causando a sensação de mais frio. Então, fomos ajustando tudo isso, passamos as marcações para os atores, pois tinham momentos de deslocamento, e no fim deu tudo certo. Finalizamos mais um dia de gravações, que foi mais rápido, usando apenas o turno da manhã.

Figura 25: Gravações internas, em casa



Fonte: Autoria própria

Terceira diária de gravação

As últimas locações eram a Praça Luiz Finotti, onde começamos nossa deriva lá no segundo encontro, a estação de ônibus logo em frente e dentro do ônibus. Entretanto, tivemos que começar com uma mudança de planos, justamente nessa gravação dentro do ônibus, pois o barulho e a instabilidade da câmera atrapalharam a captação. Então providenciamos outra possibilidade, descemos do ônibus no Terminal Santa Luzia e gravamos em um banco. As cenas gravadas nesse terminal me encantaram e me surpreenderam positivamente, pois os planos que escolhemos ali de última hora para captação, foram planos que deixaram o filme mais sofisticado, como o personagem passando em frente ao monitor com os horários do ônibus. Nesse momento, gravamos também a cena que o personagem fala no telefone com seu chefe, então ele teria que imaginar realmente aquelas falas do outro lado do telefone. Fui orientando e não foi tão demorado. Depois gravamos um plano detalhe em uma flor e finalizamos essas cenas.

Figura 26: Gravações terminal Santa Luzia



Fonte: Autoria própria

Pegamos um ônibus para retornar até a estação em frente a praça, onde os outros alunos já esperavam a gente para as gravações. Lá tivemos alguns desafios com o som, pois estava tendo um evento em um lado da praça e tinha música ao vivo, mas percebemos que no microfone isso não atrapalhava as falas. Depois já fizemos a captação de algumas imagens de apoio, nas quais um dos personagens abordava pessoas na rua para recitar poesias, e nessa hora eu e Paulo entramos como figurantes. Filmamos essa sequência e já atravessamos a rua para a praça e nos preparamos para gravar as últimas cenas, que demoraram mais. Muitas foram feitas com a luz do sol ainda, alguns planos detalhe lindos e que enriqueceram o filme. Depois, cenas de diálogos com aquela luz de fim de tarde. Em um dos diálogos já estava anoitecendo, então tivemos que improvisar com o bastão de led para demonstrar a claridade do sol. Para finalizar a noite e o último dia de gravação, filmamos uma das partes místicas da história. Nela, com uma led, tivemos que representar a luz de uma fogueira e o Vinicius fazia movimentações com a câmera para três diferentes direções, em um único *take*. Foi bem desafiador, mas fiquei guiando-o apenas com toques nos ombros para direcionar para que lado ele iria. O último *check* no cronograma de gravações foi feito. Ainda sem acreditar que tínhamos conseguido filmar tudo que planejamos, finalizamos mais uma etapa em uma noite de domingo. O cansaço tomava conta naquele momento, mas a felicidade também, e agora tínhamos seis dias até a exibição.

Figura 27: Fim das gravações do curta-metragem



Fonte: Autoria própria

Agora com todas as imagens captadas, Paulo transfere tudo para seu computador e faz todo o processo de edição, dando atenção para ajustar ruídos, luz, continuidade e trilha sonora, o que, inclusive, foi uma das partes mais encantadoras para mim, pois escolhemos utilizar instrumentais de músicas que tinham surgido no processo de criação já. A edição foi bem demorada e cansativa, tanto que no dia de exibir ainda estávamos editando. Foi bem corrido e tenso, fui colaborando e ajustando algumas coisas, fiz créditos finais e editei alguns detalhes, mas a maior parte dessa etapa foi o Paulo que realizou.

O Encontro se inicia, algumas partilhas das outras oficinas são apresentadas e então chega o momento da nossa. Montamos o telão com o projetor e exibimos o curta-metragem, que, no fim, resultou em uma obra de 27 minutos. “[Curta Viver a vida](https://youtu.be/jNKqhIRK5lo)”²¹ estava ali, pronto. Alívio e felicidade era o que estava tomando conta do meu corpo naquele momento; uma sala cheia de espectadores, assistindo ao nosso filme em primeira mão, foi um momento que olhei e gritei internamente “Deu certo!”. Aplausos ressoavam na Sala Ana Carneiro após a exibição, eu e Paulo nos dirigimos para frente, chamamos alguns dos alunos da oficina que estavam presentes naquele dia, agradecemos imensamente a eles por terem comprado a ideia de fazer o curta, pela entrega de cada um e como aquele processo foi importantíssimo para nós. E agradecemos a todos que estavam presentes naquela sala e que prestigiaram nossa obra.

²¹ Link do curta-metragem “Curta Viver a Vida”, produzido na oficina: <https://youtu.be/jNKqhIRK5lo>.

Figura 28: Exibição do curta no Encontro, em abril de 2024



Fonte: Luiza Novaes

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando idealizava meu Trabalho de Conclusão de Curso, queria algo que representasse verdadeiramente o meu eu, a Tatiana, jovem, artista, aprendiz, corajosa, às vezes medrosa, intensa, criativa, que se emociona facilmente com uma comédia romântica, que se entrega por inteiro às suas personagens, para seus projetos e que adora aprender algo novo e se desafiar. Finalizando agora, depois de relatar todo esse percurso, fico orgulhosa do que construí ao lado de pessoas tão especiais que cruzaram meu caminho, o que sonhei se tornou real. Foi tudo pensado nos mínimos detalhes com muito carinho, e teve a dedicação e entrega de todos, porque não é só meu esse trabalho, é da Beatriz, da Bianca, do Diogo, do Gabriel, da Giovanna, da Jéssica, do Lucas, do Luciano, da Luiza, do Marcos Vinicius, do Nicholas, do Paulo, da Patrícia, do Pedro, do Vilson e do Vinicius.

Adquiri aprendizados que perpassaram não só o âmbito profissional, mas também o pessoal; olhar para trás e agradecer a todos que me ensinaram, juntar toda a bagagem para repassar para os alunos, experimentar estar nesse lugar de professora, diretora e produtora me amadureceu. Em um momento que precisei evoluir dentro e fora de sala de aula, dentro e fora do *set* de gravações. O “viver verdadeiramente as circunstâncias imaginárias” nas histórias de personagens, e na minha própria história, seguindo os ensinamentos de Meisner, me fez adquirir uma leveza na interpretação, no processo de conhecer o novo, de viver o presente, em atingir o diamante da minha profissão: “conectar profundamente com o espectador”, fazer com que ele seja afetado mesmo que minimamente pelos ensinamentos que um personagem tem a passar. Compartilhar com os alunos o saber, receber em troca os olhares de curiosidade, de entendimento, as palavras de carinho como “eu amei ter aula com você”, “foi a melhor oficina de teatro que já fiz até hoje”, “estou saindo muito feliz com o que vivemos”, me demonstrou com clareza as belezas da vida. Também tiveram os desafios e as frustrações, e por um momento eu só queria jogar tudo pelos ares, mas foi quando precisei encarar de frente, entender quais ensinamentos adquirir com tais situações. Tudo e todos me ensinaram, o mergulhar nas infinitudes de conceitos do atuar no teatro, do atuar no cinema, o criar seguindo a melodia de músicas, seguindo passos de um caminhar e olhares atentos.

O COMUFU aprimorou o meu “ser educadora”, me permitiu encontrar minha própria didática para transmitir conhecimentos, me ensinou como o planejamento é necessário em todos os âmbitos da vida, mas que às vezes também é preciso lidar com o inesperado, aflorando a improvisação. Tudo isso me fez compreender ainda mais a importância de um ambiente leve para o bem-estar coletivo, trazendo fluidez para o processo de aprendizagem.

Ser diretora/produtora, sem dúvidas potencializou minha força feminina, me ver liderando, resolvendo a todo momento questões técnicas enquanto tinha que equilibrar com a atenção e o cuidado com os alunos nos momentos de conduzir exercícios em sala e direcionar para os caminhos da interpretação necessária no *set* de gravações, foi surpreendentemente enérgico. Devemos realmente acreditar que somos capazes de realizar inúmeras coisas, mas que é necessário coragem e paciência.

Portanto, finalizo aqui o memorial de um processo de criação que estará presente na minha história de vida, que encerra um ciclo e inicia um novo, o qual espero que traga mais ensinamentos como esses, que me leve a lugares inimagináveis, que me abra portas, que me conecte a boas pessoas, que alimente minha alma artística. Que se inicie um novo capítulo com o alçar de novos voos.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Breno; COSTA, Fernando. **Quando a música fala pela personagem: o uso de canções românticas diegéticas em três filmes brasileiros contemporâneos.** Revista Eco – Pós, V.25, n.1, p. 39 - 61, 2022. DOI: 10.29146/ecops.v25i1.27833.

ALVES, Luísa de Almeida Rocha. **Sanford Meisner: O Exercício da Repetição e seus desdobramentos na formação técnica do ator.** (Trabalho de Conclusão de Curso). Rio de Janeiro, 2016.

BATISTA, André. **Funções da música no cinema - Contribuições para a elaboração de estratégias composicionais.** Dissertação de Mestrado (Música e Tecnologia). Universidade Federal de Minas Gerais/ Escola de Música, Belo Horizonte, 2007.

CANTON, Luciana Giannini. **A técnica Meisner e as sementes do Sistema stanislavskiano plantadas em solo americano.** (Tese de Doutorado). Orientador(a): Profa. Dra. Maria Thais Lima Santos. São Paulo: USP, 2019.

FERRÃO, Anelise de Brito Turela. **Relações entre a técnica de Meisner e a formação do ator.** São Paulo, 2018.

GREVE, Sabrina. **Atuação para o audiovisual.** Material de apoio. Sesc São Paulo, 2024.

GUERRA, Raquel; MARTINS, Laédio José. **O audiovisual na formação teatral: experiências na UFSM.** Santa Maria. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2016. Professora Adjunta, Coordenadora de área Projeto PIBID/TEATRO/UFSM e Grupo de Pesquisa Cinecirco/CNPQ.

GURGEL, Camila Maia da C. **A trilha sonora na criação de personagem: O fabuloso Destino de Amelie Poulain.** (Trabalho Obtenção de Grau de Bacharel) UniCEUB, Brasília, novembro de 2019.

HOLANDA, Ricardo Monteiro. **Do palco à câmera: as relações e as diferenças da interpretação no teatro e no cinema.** (Trabalho de Conclusão do curso de Artes Cênicas). Orientador(a): Prof. Giselle Rodrigues de Brito. Brasília – DF/ Universidade de Brasília, 2016.

MASCELLI, Joseph V. **Os Cinco Cs da Cinematografia: técnicas de filmagem**/ Joseph V. Mascelli [tradução Janaína Marcoantônio; revisão técnica Francisco Ramalho Jr.] São Paulo: Summus Editorial, 2010.

MATSUMOTO, Roberta. **Variações sobre teatro e audiovisual**. Repertório, Salvador, 2020, n.28, p.47-67, 2017.1.

RAMOS, F.P; SCHVARZMAN, S. **Nova história do cinema brasileiro**. São Paulo: Edições Sesc, 2018a. 1. 528. 2018b, v. 2 (600 p.).

SANTOS, Michelle dos. **A Falecida – da peça ao filme**: um roteiro como meio e caminho entre Nelson Rodrigues e Leon Hirszman. Revista de Linguística e Teoria Literária • ISSN 2176-6800. Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, Jan/Jun. 2021.

REFERÊNCIAS SITES

GUIA DO ATOR. Conheça a técnica de Meisner – TV Guia do Ator (Programa 44). Youtube, 15 de maio de 2012. Disponível em: https://youtu.be/0HO9secY7Ic?si=6_g99DZwOfOaqI8. Acesso: 2 de março de 2024.

MANESCHI, Samantha. Via Cena Viva. Introdução à Técnica Meisner de Atuação. YouTube, 31 de agosto de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/LbzIsbixBEE?si=02-ql9bHYfa5bzS5> Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

MANESCHI, Samantha. Via Cena Viva. Samantha Maneschi explica Técnica Meisner. YouTube, 14 de março de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/S5DuRLrpOaI?si=WL7C03-FqSQyuXHW> Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

MANESCHI, Samantha. Via Cena Viva. Um dos passos para a repetição: realmente ouvir. YouTube, 14 de junho de 2019. Disponível em: <https://youtu.be/LIOXTZ7JEUw?si=UtvSgqY6Aptq00bq> Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

MARTÍNEZ, Fernanda. Preparadora Fernanda Martínez. Aula aberta sobre a Técnica de Meisner. YouTube, 02 de julho de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/-FUdQ7Xxi5I?si=W5-Dim7AFcQ9B7> Acesso: 02 de março de 2024.

VINSKY, Bruna. Técnica Meisner. Bruna Vinsky, 2021. Youtube. Disponível em <https://www.bruvinsky.com/post/meisner>. Acesso: 20 de fevereiro de 2024.